VERSOS
DE
B. A. DE S.
BELMIRO,
PASTOR DO DOURO.

TOMO I.

PORTO;
NA OFF. DE ANTONIO ALVAREZ RIBEIRO.
ANNO M. DCC. XCVIII.
Com licença da Meſa do Deſembargo do Paço.

Vende-ſe na meſma Officina na rua de S. Miguel, nas caſas N. 260; e na rua das Flores na loja de Livros a eſquina da traveſſa do Ferraz.

Foi taxado este livro em papel a reis.
Porto de Maio de 1798.

Com Rubricas.

PROLOGO.

DOu ao Público alguns Verſos, que pude juntar, e que eſcapárão ao injuſto deſprezo, com que o Auctor trata todas as ſuas producções. Eu não os proponho, como hum modello da Poeſia: quinze annos de idade até vinte e dous; tempo, em que Belmiro compôs a maior parte, he baſtante motivo para deſculpar alguns defeitos, que ſe encontrem. A ſimplicidade porém, e a cadencia natural, com que exprime os ſeus penſamentos, bem moſtrão, quanto as Muſas favorecem eſte genio, e quanto os annos, e os eſtudos o podem fazer grande. Eſtimarei que o bom ſucceſſo d'eſte volume ſeja hum novo eſtimulo, que anime o ſeu Auctor.

INDEX.

SONETOS.

Meu

ODES.

ECLOGAS.

ELIZA.

IDILIO.

EPISTOLAS.

AOS ANNOS DE LIZA.

QUADRAS.

MOTES.

CANTIGAS.

SO-

SONETO.

QUe trifte melancolica figura,
Pobres Verfos, quereis fazer no Mundo?
Ah! quando nifto penfo, me confundo,
Sinto voltar-fe o dia em noite efcura.

Antes quizera dar-vos fepultura
No terrivel horror do abyfmo fundo;
Pois de tal producçaõ o parto immundo
Naõ merece alcançar melhor ventura.

Sem ornato, fem genio, fem cadencia,
Que deveis efperar? Grandes tropheos?
Tirai do penfamento effa demencia.

Do defprezo efperai os golpes feus;
Pois para terdes trifte confequencia,
Bafta, filhos, faber-fe que fois meus.

SONETO.

MAndou-me Amor hũ dia q̃ cantasse
D'Olaia a peregrina formosura;
Que os lindos olhos, que a gentil figura
A's brilhantes estrellas comparasse.

Tomo a Lira; mas antes que entoasse
Da mimosa Pastora a graça pura,
Vi o Riso, os Encantos, a Ternura
Rodearem d'Olaia a bella face.

Pertendo começar, a voz se ensaia;
Do meu cruel receio Amor se admira,
Palpita o coraçaõ, treme, desmaia.

Largando para a parte a frôxa Lira;
Amor, lhe digo entaõ, quem vir Olaia
Nada póde cantar, logo suspira.

SO-

SONETO.

COmo eſtá deleitoſa eſta campina,
Rodeada de objectos engraçados!
Como paſtaõ pacificos os gados
A tenra flor, a relva pequenina!

Aqui murmura a fonte criſtalina
Por cima dos ſeixinhos prateados;
Acolá ſobre os alamos copados
O terno rouxinol ſeu canto afina!

As violêtas gentiz d'entre a verdura,
Quando o ſopro do Zefiro as menéa,
Com perfumes incenſaõ a eſpeſſura.

Mas que importa o prazer, q̃ me rodéa,
Se hum coraçaõ afflicto ſem ventura
Só com triſtes objectos ſe recréa!

SONETO.

OS limados farpoens, que rijamente
Amor contra o meu peito disparava,
Apênas o tocavaõ, se amolava
A aguda ponta d'aço reluzente.

Assim naõ succedeo, quando innocente
Eliza os meigos olhos me lançava;
Pois a modestia, que os acompanhava,
Penetrou a minha alma docemente.

Naõ pôde sujeitar-me o Deos Vendado;
Eliza sim: he de mais alto apreço
O podêr do seu rosto delicado.

Ferio-me o peito, e foi com tanto ex-(cesso;
Que por ella só vive o meu cuidado:
Porém sou infeliz; eu lhe aborreço.

SO-

SONETO.

NEm ouvindo a ſonora melodia,
Com que cantas ao pé deſta corrente,
Divino Rouxinol, meu peito ſente
O mais curto momento de alegria.

As azas da mortal melancolia
Se alargaõ ſobre mim continuamente;
E eſta faz que aborreça deſcontente
O que d'antes o genio me attrahia.

Eſſe modular doce enternecido,
Que os coraçoens de bronze arrebatára;
Me poem mais na triſteza ſubmergido.

Só cuido que o teu canto me alegrára,
Se do cruel Amor favorecido,
Ao pé da bella Eliza te eſcutára.

SO-

SONETO.

PEqueno cordeirinho, quanto invejo
O prazer, com que agora andas pulando,
Ao ſom dos teus balídos ſaudando
Os verdes campos do eſpaçoſo Tejo!

Unido á cara mãi paſtar te vejo,
As deſiguaes hervinhas maſtigando:
Vives ſempre contente, desfructando
Quanto póde excitar-te o teu deſejo.

Cercado de afflicçoens nunca ſuſpiras,
Naõ temes inconſtancias, falſidades,
Nem recéas d'Amor as crueis iras.

Mas tudo ſoffrerias na verdade,
Se, aſſim como Belmiro, tu ſentíras
O tyranno rigor d'huma ſaudade.

SONETO.

HUma unica vez que Eliza bella
Os lindos olhos pôz neſte meu peito,
Senti ao meſmo inſtante o activo effeito,
Que nunca Amor cauſou: cauſou ſó ella.

De nada me valeo toda a cautéla,
Que contra os ſeus encantos tinha feito:
Mas depois de apertar-me o laço eſtreito,
Lamentei o taõ tarde conhecê-la.

(blante,
Vivo ditoſo, e ſei que hum tal ſem-
A longa trança de cabello louro,
Vencem d'Amor o imperio dominante.

Melhor o direis vós, peitos do Douro,
Se fere mais d'Eliza o olhar tocante,
Se do forte Cupido as ſettas d'ouro.

SO-

SONETO.

JA' naõ se ouve na noite tenebrosa
Rullar a carrancuda trovoada;
Nem a nuvem de chuva carregada
A choça humilde ensopa furiosa.

Hum bello dia da Estaçaõ formosa
Vai tornando a campina matizada;
A mesma Natureza reanimada
Seus thesouros franquêa generosa.

Tudo gosto respira neste dia:
Até voando para a azul esféra
Canta alegre a saudosa Cotovia.

Ah! se a minha Pastora aqui tivéra,
Com que prazer entaõ contemplaria
Nas graças da risonha Primavêra?

SO-

SONETO.

SE viſſe hum voraz lobo carniceiro,
Que andaſſe devaſtando no meu gado,
Taõ raivoſo, e taõ deſeſperado,
Que naõ deixaſſe vivo hum ſó cordeiro:

Se acordaſſe no ruſtico palheiro
De roxas lavaredas rodeado;
Ou de altiſſimas brenhas deſpenhado
Cahiſſe n'hum fundiſſimo ribeiro:

Se finalmente na floreſta ouviſſe
Huma horrivel medonha trovoada;
E a meſma terra ao pé de mim ſe abriſſe:

Deſtas negras imagens nada, nada
Me aſſuſtaria mais, do que ſe viſſe
A minha cara Eliza agoniada.

SONETO.

QUando o Sol já no mar ſe recolhia,
Nas triſtes Fontainhas me aſſentava ;
E em quanto de chorar naõ deſcançava
Mil imagens na idéa revolvia.

Eis-que entre eſtas lembranças reflectia
N'huma pequena fonte, que alli eſtava,
Que a fraca porçaõ d'agua, que deitava,
Pouco, e pouco hum penedo desfazia:

Ay de mim! diſſe entaõ, eſta corrente
O duriſſimo ſeixo vai gaſtando,
Sobre elle cahindo manſamente:

Mas eu, por mais que eſteja ſuſpirando
Aos ouvidos d'hum genio inclemente,
Naõ lhe poſſo tornar o peito brando.

SONETO.

HUm dia, apascentando o manso gado
Nas bordas de huma placida corrente,
Vi Amor, que choroso, e descontente,
Sem arco ter, estava desarmado.

Da sua horrivel sórte lastimado,
Quem, ó lindo menino, alma innocente,
Lhe disse, faz que estejas tristemente
N'hum abysmo de magoas sepultado?

A maõ pondo no peito suspirava,
E entre crueis soluços respondia:
Huma fraca mulher, quem o pensava!

Huma ingrata, que em nada me avalia,
Eliza . . . Entaõ Amor se suffocava . . .
Mais quizera dizer, mas naõ podia.

SONETO.

TU, ſuſpiro feliz d'hum terno amante,
Sobre as azas do triſte penſamento
Voa junto d'Eliza, e o meu tormento
Faz ſentir ao ſeu peito de diamante.

D'hum puro amor, e d'hũa fé conſtante
Redobra-lhe o incorrupto juramento;
Que mais facil ſerá perder o alento,
Que deixar de a adorar hum ſó inſtante:

Que tanto na memoria me preſiſte,
Que deſde aquelle dia ainda admiro
O lindo roſto, onde a Graça exiſte.

Em fim tu lhe dirás que o ſeu Belmiro,
Morto d'amor por ella, afflicto, e triſte,
Do ſeu peito lhe manda eſte ſuſpiro.

SO-

SONETO.

DOs bosques da Idalia ao claro Douro
Voou o Deos d'Amor accelerado:
Trazia este cruel pendente ao lado
Aguçados farpoens na aljava d'ouro.

Depois de estár ao pé de hum verde lou- (ro
De coraçoens libertos rodeado,
Ouvi, lhes clama entaõ, do vosso estado
A sentença fatal, o triste agouro.

„ Vereis depressa q̃ nenhum humano,
„ Heróe, covarde, humilde, esclarecido,
„ Se isenta do meu jugo soberano.

Assim foi; porque, apenas sacudido
O primeiro farpaõ teve o Tyranno,
Por Eliza me vi d'amor ferido.

SONETO.

(ſos
Porque gemeis, Paſtores, taõ queixo-
Contra a torpe faminta deſventura?
Ah! ſe viſſeis a minha ſórte dura,
Talvez que vos julgaſſeis venturoſos.

Faltar no gado os lucros vantajoſos,
Sem fructo algum ſeccar a ſemeadura,
Ter a choça no Inverno mal ſegura,
Vos arrançaõ ſuſpiros doloroſos?

Ao deſtino cruel voſſo inimigo
Nunca chameis; e d'eſte duro eſtado
Fazei comparaçaõ hoje comigo.
(do:
Achar-me-heis que vós mais deſgraça-
E para acreditardes o que digo,
Sabei que ſou d'Eliza deſprezado.

SONETO.

(dade
NAõ quero, naõ, ingrata, que a pie-
Amaveis impreſſoens faça em teu peito,
Deixa-o como atégora eſtar ſujeito
Ao odio, á ira, á raiva, á crueldade.

Se penſas niſſo ter felicidade,
Se imaginas gozar hum bem perfeito,
Com tal bem viva alegre, e ſatisfeito
Teu duro coraçaõ por toda a idade.

Já foi tempo, cruel, que a tyrannia
D'eſſe teu peito ingrato, e deshumano
Me fazia gemer, me conſumia.

Tive conhecimento do meu damno;
Agora exiſte em mim, (quem tal diria!)
A Razaõ, a Prudencia, o Deſengano.

SO-

SONETO.

MIL vezes pelo Céo tenho jurado
De já naõ querer bem a Eliza ingrata:
Fui perjuro; mas, pois taõ mal me tracta,
O grilhaõ romperei desenganado.

Da cruel naõ terei algum cuidado;
E se a amar outra vez, como insensata
Féra corra vagando a escura mata,
Deixando aõ desamparo o manso gado.

Naõ tenha nos meus bens o Céo cautéla;
A mesma choça veja estár ardendo,
Se n'hum momento só me lembrar d'ella.
(pendo;
Porém ... naõ seja assim, eu me arre-
Pois quanto mais desejo aborrecê-la,
Tanto mais por Eliza estou morrendo.

SO-

SONETO.

EM quanto apaſcentava pelo outeiro
Cem malhados cordeiros, gordas rezes,
Quantas vezes, Tyranna, quantas vezes
Me juraſte amor firme, e verdadeiro?

Mas, apenas do lobo carniceiro
O meu gado ſentio crueis revézes,
Naõ deixaſte ſequer paſſar dous mezes;
Sem voltar da dureza ao ſer primeiro.

Entaõ nunca te achava enfurecida;
Hoje, cruel Paſtora, altiva feres
A mutua fé, mil vezes promettida.

Ora pois,obra, Ingrata, o que quizeres;
Que bem ſei que á Fortuna ſempre unida
Anda a fragil conſtancia das Mulheres.

SONETO.

EU naõ tenho, Paſtora, alvos cordeiros,
Que te off'reça no dia dos teus annos;
Nem os dons precioſos, que os humanos
A' vaidade tributaõ liſonjeiros.

E de mais, os meus verſos ſaõ groſſeiros
Para applaudir teus Dotes ſoberanos;
Pois hum genio creado entre Serranos
Apenas ſabe o Canto dos outeiros.

Só lagrimas, ſuſpiros, deſventura,
Penſamentos crueis, mas amoroſos,
Dedicarei á tua formoſura.

Porém, ſe iſto naõ queres, Céos piedozos!
Que póde mais hum peito ſem ventura
Conſagrar aos teus annos precioſos?

SONETO.

PÓde o rio, que foge acelerado,
Parar a sua rapida carreira,
Sem custo algum subir pela costeira
Até o cume do monte levantado:

Pódem matar a fome aò manso gado
Os seixos, que se criaõ na pedreira,
E a tenra, verde relva da ribeira
Servir de forte muro no serrado:

Póde, em fim, ter de vida o sentimento
Esta penha brutal, inanimada,
E voar, mais ligeira, do que o vento:

Mas ter algum desvio a fé jurada,
Esquecer-me de ti hum só momento,
Naõ póde acontecer, Eliza amada.

SONETO.

HUns deſejaõ mover armadas frentes
Contra os muros da intrepida Cidade,
Exercer a voraz atrocidade
Na terna mãi, nos filhos innocentes.

Outros, d'inclinaçoens muito diff'rentes,
A Riqueza ſó tem por Divindade;
Sacrificaõ-lhe o goſto, a liberdade,
Por ella paſſaõ dias deſcontentes.

Mas eu, que taes venturas pouco invejo,
Tenho ſempre em ſocego amortecido
As inquietas azas do deſejo.

A nada diſto vóa o meu ſentido;
Pois ſó quero devéras, ſó deſejo
Ser d'Eliza cruel favorecido.

SO-

SONETO.

BElmiro andava olhando o pobre gado
Nas ribeiras do Vouga deleitoſo,
Onde, cheio d'amor, triſte, ſaudoſo,
A's aguas repetia o ſeu cuidado.

Quando, da bella féſta convidado,
Hum ſitio indo buſcar menos calmoſo,
Da ingrata Eliza o nome precioſo
Acaſo vio na aréa eſtar gravado.

Pára, affirmar-ſe, lê, reflecte, admira;
Amor a quaſi extincta chãma atéa,
Logo ajoelha, beija-o, e ſuſpira:
(idéa
Eis-que no meſmo inſtante vem-lhe á
A ſua ingratidaõ; enche-ſe d'ira,
O vil nome desfaz co' a meſma aréa.

SONETO.

DA paixaõ de Amor fero penetrado,
Tenho vivido hum lustro sem ventura,
Enganando a mim mesmo a vã ternura;
Que girava n'hum peito atraiçoado.

Com fome vai mingoando o manso ga-
(do,
A monte deixo os campos sem cultura,
Vejo tolher-me tudo a Sórte dura:
E continúo em ser mais desgraçado?

Basta já de cegueira: vou ditoso
Gastar co' amavel paz os annos meus,
Para sempre esquecendo hũ tempo odioso.

Conheci o meu mal, graças aos Céos!
D'elle quero fugir, sou venturoso,
Paixoens, Amor, Ingrata, a Deos a Deos.

SO-

SONETO.

NO mageſtoſo Templo da Verdade ;
Cançado de gemer , entrei hum dia ,
A ver ſe neſte ſitio conhecia
Da ingrata Eliza a torpe falſidade.

O portico toquei , e a eſcuridade ,
Que a viſta dos meus olhos impedia ,
Foi nevoeiro eſpêſſo , que fugia
Do Sol brilhante á intenſa claridade.

Eu vi . . q̃ horror ! hum peito denegri- (do,
Formando a ſua gloria no meu damno ,
Manchar a fé , que tinha promettido.

Tremi ; penſei : e o meu grilhaõ tyran- (no
Ante a Deoza quebrando , agradecido
Pendurei na parede hum deſengano.

SO-

SONETO.

JA' poſſo ouvir os ternos paſſarinhos,
Que eſtaõ ſaudando a freſca madrugada;
Outros vejo, que levaõ pendurada
No bico a branda felga para os ninhos.

Aqui ſaltaõ os manſos cordeirinhos
Na relva de boninas matizada;
Acolá corre a fonte ſocegada
Por entre brancos, deſiguaes ſeixinhos.

Qualquer Paſtor ſe alegra, e ſe recréa,
Debaixo da goſtoſa amenidade,
Com que a entroncada faia o liſonjéa.

Que doce, que feliz tranquillidade!
Só em ti he que póde, cara Aldéa,
Paſſar-ſe com ſocego o tempo, e a idade.

SONETO.

SAnguineas véas n'hum robuſto peito
O Deos de Gnido, Amor, pular ſentia:
Naõ perde a occaſiaõ, a ſetta afia,
E no curvo arco a poem muito a ſeu geito.

Já quaſi do triunfo ſatisfeito,
Ao coraçaõ fez certa a pontaria;
Diſparou; mas cahio na terra fria
O farpaõ rijo em ſeis pedaços feito.

Ai de mim! grita Amor, que inf'licida-(de!
Os meus tiros naõ ferem como d'antes;
Ninguem d'Amor já teme a crueldade:

Zombaõ de mim ſem duvida os Amantes,
Se naõ me empreſta Alcina por piedade
A graça dos ſeus olhos penetrantes.

SO-

SONETO.

QUando o Sol vinte vezes rodeado
Tinha em Fev'reiro o vaſto Firmamento,
Da bella Eliza o illuſtre naſcimento
Deixou de gloria o Douro penetrado;

Com as Graças Amor acompanhado,
Moſtrava o ſeu feliz contentamento,
E para o berço nobre olhando attento,
Foi pôr-lhe ao pé o ſeu arco deſarmado.

Serás, beijando-a, diz, linda Paſtora,
'A honra, o aſſombro, a gloria da eſpeſſura,
E dos peitos a amavel vencedora.

Verdadeiro ſahio, quanto lhe augura;
Pois d'Eliza gentil o Mundo adora
As Virtudes, a Graça, a Formoſura.

SONETO.

SEgundo o ſeu coſtume, eſtava poſto
Belmiro n'huma penha debruçado,
Em ſocego nutrindo o ſeu cuidado
Com as triſtes imagens do Deſgoſto.

Eis-que hum pouco levanta o magro ro-(ſto,
De ſons harmonioſos convidado,
E quando os olhos lança pelo prado,
Em toda a parte encontra o alegre Goſto.

As Paſtoras amaveis, e os Serranos
Com canticos d'Amor, que em torno gira,
Entoavaõ mil hymnos ſoberanos.

Iſto Belmiro ouvio, e á branda Lira
Indo tambem cantar d'Eliza os annos,
Em vez de os applaudir, geme, ſuſpira.

SONETO.

APenas deixei hontem o meu gado
Junto d'eſte ribeiro criſtalino,
De tres Féras no aſſalto repentino,
Sem lhe podêr valer, foi devorado.

Nem hum ſó me eſcapou, e taõ irado
Se moſtra o duro, o barbaro Deſtino,
Que até foi o cordeiro pequenino,
Que tinha á bella Alcina conſagrado.

A Sórte me levou os bens melhores;
Só me reſta huma choça mal provida,
Onde poſſa empregar os ſeus furores.

Tudo a cruel abſorva endurecida;
Porém, ſe tambem pérco os meus amores,
Injuſta ſórte! entaõ a cabo a vida.

SONETO.

JUrei ſobre o altar do Deos manhoſo
Odio eterno ao ſeu jugo ſoberano,
Naõ podendo ſoffrer deſte Tyranno
A Lei ſevéra, o imperio rigoroſo.

Offendeo-ſe o cruel; fero, e raivoſo
Maquína arruinar-me deshumano;
Porém qualquer deſgraça, qualquer dãno
Evitava, previa cuidadoſo.

Té que da linda Alcina os olhos bellos
Procurou; mil prizoens, mil paſſadores
Nelles armou, nos ſeus louros cabellos.

Moſtrou-me eſtes encantos roubadores;
Por mais que entaõ eu dezejei vence-los,
Vingou-ſe Amor; fiquei prezo d'amores.

SO-

SONETO.

QUantas vezes Alcina me dizia,
(Levando a minha maõ ao ingrato peito)
Que nunca deixaria o amor perfeito,
O terno, o puro amor, que nella via!

Ouvindo taes promessas, que faria?
Taõ contente fiquei, taõ satisfeito,
Que mil vezes nas aras do respeito
A minha liberdade lhe off'recia.

Ausentei-me d'Alcina; e taõ sentida
Nos primeiros instantes se mostrava,
Que a vi por mim d'amor quasi perdida.
Mas como me enganei no que pensava!
Foi-me falsa a Cruel, foi fementida....
E eu d'huma mulher o que esperava?

SO-

SONETO.

VEm-me todos paſſar a noite, e o dia
Sem ſocego, e em lagrimas banhado:
Paſmaõ, depois de ver que ao meu eſtado
Nada offende o rigor da Sórte impía.

Abençóa-lhe o Céo com alegria,
Dizem elles, até ao ſeu cajado;
E ſempre o conhecemos deſecado,
Imagem da mortal Melancolia.

Mas como penſas mal, ó Gente humana!
Vive o gado ſem ter enfermidade;
Conſervo em ſanta paz eſta cabana.

Naõ tive algum deſaſtre, iſſo he verda- (de;
Mas tenho mal peior: longe d'Albana
Supporto huma viviſſima ſaudade.

SO-

SONETO.

EM quanto o curvo barco se alongava,
Aos impulsos do remo vagaroso,
Sobre a borda assentado pezaroso,
Da praia a terna vista naõ tirava.

Sem querer, cada vez mais me apartava
Da Pastora, por quem vivo saudoso,
Que, a mim voltando o rosto precioso,
Com mil signaes de lá me acompanhava.

Puz a maõ no meu peito, e, transportado,
Vinha jurando pelos mesmos Céos,
De ser firme a pezar do negro Fado.

Quando hũ monte cruel aos olhos meus
De todo hia escondendo o objecto amado,
Ergui a voz entaõ, e disse: adeos!

SO-

SONETO.

TAõ contente, Marilia, me pareces;
Quando afflicto ſuſpira o rouco peito,
Que duvido das juras, que tens feito,
E até cuido, Cruel, que me aborreces.

Hum ſó momento naõ te compadeces
De quanto Amor me faz por teu reſpeito;
E eſſe genio tyranno, a ſangue affeito,
Mais contra hum deſgraçado o enraiveces.

Moſtraſte-me apparencias d'amizade;
Mas, quando a mil paixoens me viſte ex-
Facilmente a trocaſte em crueldade.(poſto,

Ingrata, poupa, evíta o meu deſgoſto:
Sinta o teu coraçaõ tanta piedade,
Como de graças tem o amavel roſto.

SONETO.

(res;
MArilia attende grata os meus clamo-
Em piedade troçou a antiga ira,
Quando ſuſpiro, já tambem ſuſpira;
He ſenſivel, he terna aos ſeus Amores.

Nos lindos olhos meigos, vencedores
A brandura continuamente gira;
Para longe do amavel peito atira
Os deſprezos, os odios, os rigores.

Ornando o roſto de immortal belleza,
Quãdo abrazado o meu amor lhe exponho,
Chamando-me o ſeu Bem, jura firmeza.

Mas que doces venturas me ſupponho!
Mudou Marilia acazo a natureza?
Ah! deſperta, Belmiro, que iſto he ſonho.

SO-

SONETO.

TUdo, Marilia, ſente a força dura
Da carreira dos annos: deſtroçado
Cahe por terra o Cypreſte levantado,
Do campo ſécca a placida verdura.

Naõ ſe izenta a temivel Formoſura
Dos eſtragos do Tempo arrebatado:
Como o Lirio mimoſo, que he cortado,
Aſſim murcha, aſſim perde a graça pura.

Só tú, gentil Marilia, entre os Humanos
Inſenſivel a tudo, forte illudes
Do Deſtino os impulſos mais tyrannos.

Naõ temes, naõ recêas golpes rudes;
E, em vez de te abater o Tempo, os annos,
Te embellezaõ com Graças, e Virtudes.

SONETO.

IDe, meus pobres Verſos, venturoſos,
Procurar huma doce companhia;
A Marilia buſcai, que neſte dia
Conta alegre ſeus annos precioſos.

Ide, e vereis mil coraçoens goſtoſos,
Cercados de prazer, e de alegria;
Que, em toda a parte, grata melodia
Cauſa alvoroço aos peitos virtuoſos.

Mas, ſe alguma piedade vos mereço,
Retratai aos ſeus olhos ſoberanos
O juſto ſentimento, que padeço;

Que naõ temo os Deſtinos deshumanos,
E que, ainda diſtante, naõ me eſqueço
De celebrar o dia dos ſeus annos.

SONETO.

REina a ſerena Paz d'entro d'hũ peito,
Que já ſoffreo d'Amor o fogo activo:
Graças a Deos! em liberdade vivo
No meio dos prazeres ſatisfeito.

(to,
Quando chego a encoſtar-me ſobre o lei-
Naõ fico horas, e horas penſativo;
Pois ſe extinguio o perfido motivo,
Dos meus feros tormentos louco effeito.

Ando alegre, e contente, ſocegado;
E paſſei para eſtado de bonança
Do captiveiro mais deſeſperado.

Venturoſo fiquei com tal mudança;
Pois, gozando as delicias deſte prado,
Nem do que fui ſequer tenho lembrança.

SONETO.

NAõ paſſa dia algum, que, reclinado
Sobre as margèns do Leça fugitivo,
Naõ buſque o penſamento lenitivo
Na origem feliz do meu cuidado.

Com mil falſos prazeres enganado,
Me penetro do goſto mais activo;
E alguns momentos venturoſo vivo,
Só do pobre rebanho acompanhado.

Mas logo fóge o bem, logo conheço
Que o prazer para mim he repentino,
E que ſó na deſgraça me envelheço.

Porque naõ fazes pois, cruel Deſtino,
Que ſejaõ ſonho os males, que padeço,
Aſſim como as venturas, que imagino?

SONETO.

COmo vás, caro Leça, murmurando
Por entre a verde rama dos ſalgueiros!
E como os paſſarinhos liſonjeiros
Ao ſom das tuas aguas 'ſtaõ cantando!

O verde fêno, as margens tapeſſando,
Sacia, e nutre os timidos cordeiros;
E á ſombra d'alta faia os pegoreiros
Em ſanta paz reſpiraõ ſôno brando.

Da flor campeſtre a grata ſuavidade,
Que o Zefiro ſoprando move, e apura,
Conſóla, e alenta a fraca humanidade.

Tudo a qui he prazer, tudo doçura:
Mas ſó feliz, quem póde em liberdade
Gozar entre a Innocencia eſta ventura.

SONETO.

EStou, linda Belmira, taõ contente
Nos grilhoens do meu novo captiveiro,
Que as venturas,q̃ preza o Mundo inteiro,
Sem elles me fariaõ descontente.

Este peito, que he teu, agora sente
Da paixaõ terna o effeito lisonjeiro;
E quer seja no valle, quer no outeiro
Sempre te acho, meu Bem, nelle presente.

Assim prezo, naõ choro ver perdida
A minha preciosa liberdade;
Só receio encontrar-te endurecida.

Ah! Belmira, afugenta a crueldade;
Meus extremos attende, e, enternecida,
D'hum coraçaõ, que te ama, tem piedade.

SONETO.

SE o ruſtico Paſtor viver podéra
Das terriveis paixoens d'Amor iſento;
Eu naõ trocára o ſeu abatimento
Pelo illuſtre eſplendor d'huma alta esféra,

Metido na cabana, em que naſcêra,
Gemidos naõ daria cento a cento;
E, zombando de tudo, o q̃ he tormento
Da dor o nome apenas conhecêra.

Porém nos ferros deſte Deos manhoſo,
Sem differença haver, chora, ſuſpira
O Paſtor pobre, o Maioral famoſo.

Ainda alguem os ſeus grilhoens fugíra:
Mas, para tal milagre, era forçoſo
Naõ ſe encontrar no Mundo hũa Belmira.

SONETO.

TU vês, Amor, o coraçaõ perjuro
Da Paſtora infiel, que eſt' alma enlaça:
Tu vês que temeraria deſpedaça
A prizaõ terna do amor mais puro.

Se em teu altar fidelidade juro,
Jura tambem vingar-me tal deſgraça:
Com farpas, com veneno lhe repaſſa
As entranhas crueis, o peito duro:

Sem allivio lhe arqueje ſempre afflicto,
E, lagrimas vertendo os olhos bellos...
Mas naõ: maior vingança lhe medito.

Eſtes tormentos pódes ſuſpendellos:
Seja mais caſtigado o ſeu delicto,
Sabendo ainda hum dia o que ſaõ Zêlos.

SO-

SONETO.

DE taõ crueis imagens rodeado
Anda ſempre o meu triſte penſamento,
Que já naõ ſei o que he contentamento,
Nem do prazer conheço o roſto amado.

Tudo afflicçaõ me cauſa: o pouco gado,
Que tenho, anda a morrer, naõ o apaſcẽto;
Procuro a ſolidaõ, choro, lamento
Da minha injuſta Sórte o duro eſtado.

Já de gemer cançado, o corpo deito
No eſcarpado rochedo, e inculta aſp'reza,
D'hum infeliz, proporcionado leito.

Tenho taõ ſuffocada a natureza,
Que ás vezes, ſe ſe abriiſe o afflicto peito,
Todo o Mundo toldára de triſteza.

SONETO.

CUpidinhos travêſſos, eſcondidos
Nos teus formoſos olhos, deſtramente
A'peitos duros d'inſenſivel gente
Atiraõ, rindo, mil farpoens buidos.

Neſte jogo cruel ſempre embebidos,
Eſpalhaõ pelo chaõ ſangue innocente;
Naõ deſcançaõ, eſtaõ continuamente;
Fazendo ſuſpirar mortaes gemidos.

Ah! Belmira; caſtiga-os ſem piedade:
Naõ conſintas que dem mais hum ſó tiro;
Poupa eſtragos á pobre Humanidade.

E ſe por ti d'amor tanto ſuſpiro,
Baſta para nutrir-lhes a crueldade
O terno coraçaõ do teu Belmiro.

SONETO.

DEſtino, ouve mais brando os meus (clamores;
Attende-me huma vez menos irado,
Algum dia mereça hum deſgraçado
Alcançar venturoſo os teus favores.

Naõ te peço, Cruel, ditas maiores;
Que as que eſpera hum deſejo limitado:
Naõ devezas, colméas, lavras, gado,
Nem albergue de honrados lavradores.

A naõ ter ſorte menos deſprezivel
A enganoſa eſperança me arrebata;
Nem a peço, nem tê-la me he poſſivel.

Minha ambiçaõ ſómente ſe dilata
A rogar-te me faças inſenſivel
Aos horriveis deſprezos d'huma ingrata.

SONETO.

BAſta, meu coraçaõ: tantos gemidos
He vergonha exhalar. Eſtes lugares
Agora vejaõ teus crueis pezares
N'hum jubilo ditoſo convertidos.

Os funeſtos grilhoens ja carcomidos
Saõ faceis de romper, vaõ pelos ares:
De Belmira os ſanguiferos altares
Ao vil deſprezo ſejaõ reduzidos.

Se os joelhos ainda alguem lhes dobra,
Crendo-os d'adoraçaõ inda capazes,
Deſengano, e expriencia ja te ſôbra.

D'amor pela cruel naõ mais te abrazes;
Que aſſim como he vileza o que ella obra,
Será tambem loucura o que tu fazes.

SONETO.

NAõ me causa, Belmira, algum tor- (mento
Dos Zêlos infernais a força dura;
Nem do teu genio a perfida loucura
Me entristece, me causa sentimento.

Se dou mil ais, se choro, se lamento;
Se horriveis afflicçoens o peito atura,
O principio da minha desventura
Naõ tem, Cruel, taõ baixo fundamento.

Que hum novo amante tragas enganado,
Como a mim, protestando-lhe firmeza,
Nada altéra, Infiel, o meu cuidado.

Mas, se sinto os horrores da tristeza,
He por considerar o ter amado
Hum coraçaõ taõ cheio de vileza.

SONETO.

AFflicto ſom de languidos gemidos
Pelo campo eſpalhava o brando vento;
Sahia eſte cançado, triſte accento
D'entre brutaes penedos carcomidos.

Paſſavaõ dois Paſtores, e, movidos
Da piedade, da dor, do ſentimento,
Entráraõ pelo horrifico apoſento
A origem procurar dos ais ſentidos.

Foraõ achar cercado de agonia
Hum Paſtor; e do meſmo a voz magoada
O nome de Marilia repetia.

Chegou-ſe hum, vio-lhe a face deſmaiada;
Era o triſte Belmiro, que ſentia
A doença fatal da ſua Amada.

SONETO.

PRocuro ſempre huma eſcondida gru- (ta;
Onde poſſa nutrir o meu tormento;
E em quanto dura a Tarde alli me aſſento
Na lapa, de meu pranto nunca enxuta.

Neſte ſitio de dôr, forte naõ lucta
Com grande furacoens o rijo vento;
Apenas hum ligeiro movimento (cuta.
Dos ſalgueiros, que o cobrem, mal ſe eſ-

Aqui duras imagens do Deſgoſto,
Fazendo-me ficar inanimado,
Desfiguraõ de todo o triſte roſto.

Mas quando o Douro vem ao meu cui- (dado,
O ſilencio rompendo, em que eſtou poſto,
Suſpirando repito o nome amado.

SONETO.

TErnos, ſentidos ais, que afflicto envio,
As lagrimas que choro ſem ventura
Naõ fazem couſa alguma, ſempre és dura,
Como os ſeixos, por onde paſſa o rio.

Nem ja, barbara Eliza, me confio
Na eſperança, que a Sorte me aſſegura;
E querer-te inſpirar doce brandura
He o meſmo que bater em ferro frio.

Inda que disfarçada repreſentes
Nutrir a meu reſpeito hum genio humano,
Por dentro andaõ vibrando mil ſerpentes.

Porém tenho hum deſtino taõ tyranno,
Que naõ poſſo quebrar eſtas correntes,
A pezar do meu triſte deſengano.

SO-

SONETO.

Bem pódes encontrar, quem de ſeu te-(nha
Alta cabana, muros levantados,
Ferteis ſeáras, campos dilatados,
Onde rezes ſem numero mantenha.

Tu bem pódes achar quem deſempenha
Da propria Aldéa os cargos mais honrados,
Quem mande, quem governe mil cajados,
E rendido d'Amor amar-te venha.

Podes ... (e nem por iſſo me confundo)
Ver que teu nome grava no retiro
Quem de riquezas move hum grande fun-(do.

Mas com firme certeza te profiro,
Que naõ pódes achar em todo o Mundo
Hum Paſtor mais fiel que o teu Belmiro.

SONETO.

LIgeira fantaſia, aonde corres;
Montando terras, e paſſando mares,
A erigir inſenſata ſobre os ares
Altos Palacios, e ſoberbas Torres?

Porque, cheia de orgulho, afflicta morres,
Se naõ tocas de Pluto os vis Altares;
E, olhando com deſprezo os Patrios lares,
Em Fantaſmas chimericos diſcorres?

Socega hum pouco agora; a viſta apura;
Soletra o meu deſtino malfadado;
Lê nelle toda a propria deſventura:

Será teu vóo menos elevado,
Penſando que debalde ſe procura
Melhorar a fortuna a hum deſgraçado.

SO-

SONETO.

JA' de rôxas Violetas naõ guarneço
A minha Lira, a venturosa frente,
Aquella n'hum Salgueiro está pendente;
Esta pallida a vejo em grande excesso.

Já soccorro das Musas naõ mereço,
Por mais que lho supplique humildemente,
Do que fui ando agora taõ diff'rente,
Que, olhando para mim, me desconheço.

Naõ sinto o amavel gosto da Innocencia;
E a Agonia, de sombras rodeada,
Faz no meu peito triste residencia.

Quem será disto a causa desastrada?
Ah! se he certo o que dicta a consciencia,
De Belmira me queixo, ella he culpada.

SO-

SONETO.

Onde escondes, Belmira, aquelle agra- (do,
Que em teu rosto gentil se descobria ?
Onde está o prazer, onde a alegria,
Que a qualquer coração punha encantado?

Agora com semblante carregado
Os ais escutas, que meu peito envia;
E naõ sei se já passa a tyrannia
A mudança cruel, que tens mostrado.

Se a fé naõ ultrajei de alguma sorte,
Naõ he justo soffrer continuamente
Hum castigo, que sinto mais que a morte.

Torna-te affavel, mostra-te contente:
Pois, obrando o contrario, teme expôr-te
A mostrar criminoso hum innocente.

SONETO.

NAs faias, que atégora pezarosas
Figuravaõ da Morte a imagem féa,
Já o inquieto Zefiro menéa
Do tenro gômo as folhas buliçosas.

De brancos Lirios, de vermelhas Rosas
A grata Primavera o campo asséa:
Paraizo d'encantos, esta aldéa
Torna as almas mais tristes venturosas.

Jozino! Que cadéa deshumana,
Que illusaõ te embaraça a liberdade,
Ou que apparente Bem teu peito engana?

Ah! cede aos ternos rogos da Amizade,
Vem achar mais feliz huma Cabana
Que os soberbos Palacios da Cidade.

SONETO.

O Sabio Lavrador corre indignado
A incendiar aquella praga impura,
Que, efpalhando hum veneno na cultura,
Lhe deixa o campo todo deftroçado.

O fiel Pegoreiro ao manfo gado
Acautela de Lobo, que o procura;
Arma laços fubtis, odios lhe jura,
Se tem algum Cabrito devorado.

Parece que anda annexo ao fer humano
Aborrecer a caufa endurecida, (no.
Que hum golpe defcarrega impio, e tyran-

Só naõ fei porque forte defabrida
Amo o fatal principio do meu damno,
A maõ refpeito, que me tira a vida.

SO-

SONETO.

QUem, Belleza gentil, quem affirmaſſe,
Que o Leça nunca teve formoſura,
Era vir contemplar na Graça pura,
Que forma encantos neſſa amavel face.

Talvez que ſurprendido te encontraſſe
A mais galante Ninfa da eſpeſſura;
Talvez que julgaria ter ventura,
Se envolvido em teus ferros ſuſpiraſſe.

Eu meſmo por mim fallo; pois cuidádo
Que no Douro haveria gentileza
Me fui junto de ti deſenganando;

Pois formou-te taõ linda a Natureza;
Que fiquei juſtamente duvidando,
Se ſerias Amor, ou a Belleza.

SONETO.

SE, tendo mortalmente repaſſado
Meu pobre coraçaõ de negros zelos,
Poſſuido de amor cuido em ſoffrê-los
Entre horriveis deſprezos ſepultado;

Se, barbara, impiamente moleſtado
Pela viſta infiel d'huns olhos bellos,
Naõ poſſo dia algum deixar de vêllos,
E ficar longe d'elles ſocegado.

Em fim, ſe ao lindo objecto, que venero,
Monſtro d'ingratidaõ, e aleivozia,
Ainda muito mais, que a mim lhe quero.

A que ponto a paixaõ me arraſtaria,
Se viſſe que, mudando o genio fero,
Os meus triſtes ſuſpiros attendia!

SO-

SONETO.

PErdoa, bella Anarda, és mui traveſſa;
Tendo o corpo, e ſemblante naõ terreno,
Es hum puro mortifero veneno,
Deſde o bico dos pés té a cabeça.

Eſſe impio coraçaõ pouco intereſſa
Nas paixoens, a que amante me condẽno;
Antes, quando tu vês que afflicto peno,
Tomas hum ár contente mais depreſſa.

Ficas ſizuda, ſe piedade imploro,
E quando choro ao ſom d'eſtas cadéas,
Nem ao menos perguntas porque choro.

Pois olha, quer tu créas, quer naõ créas,
Aſſim goſto de ti, aſſim te adoro,
Aſſim meſmo, Cruel, aſſim me enléas.

SO-

SONETO.

Finalmente he chegado o alegre dia,
Em que dou termo ás minhas desventuras:
Belmira, Eliza, ingratas formosuras,
Estalou ó grilhaõ, que nos prendia.

Negros Ciumes, Raivas, Tyrannia,
Repouzai nas eternas sepulturas,
E levai sobre as vossas maõs impuras
O veneno mortal, que me roía.

Nem sempre dura a infame atrocidade;
O Destino, por natureza vario,
A's vezes seu rigor muda em piedade.

D'Amor eu já naõ sou triste sectario:
E agora canto a minha liberdade,
Encostado á liçaõ do Breviario.

SONETO.

(daços,
ROmpaõ-ſe os duros ferros; e empe-
Sobre os torpes altares do Deſprezo,
Com fogo roedor, em lume accezo,
Sejaõ deſgaſtos taõ infames laços.
(raços
De paixoens, de eſperanças, de emba-
Com elles queimarei o enorme pezo:
Quem atégora ſempre andava prezo.
Forme contente, e alegre ſoltos paſſos.

Tudo alli ſe conſũma; e meſmo aquella
Impia lembrança, que conduz ao Vicio,
E que a Razaõ ás vezes me atropella!
(cio;
Naõ fique em mim d'Amor hũ leve indi-
Até Belmira.... a ſua imagem bella....
Eterno Deos! Que duro ſacrificio!

SO-

SONETO.

MEu deſafogo, a deos: hoje te deixo,
Companheira innocente, Lyra amada,
Por todos os mais dias pendurada
No torto ramo d'eſte altivo Freixo.

Naõ há remedio: agora em vaõ me queixo,
Aqui ficas ſem gloria deſprezada,
So da minha ſaudade acompanhada;
Pois eu naõ tenho hum coraçaõ de ſeixo.

Mas, poſto que comtigo nada exiſte,
Inda te ha de ſaudar enternecida
Alguma alma fiel, que divertiſte.

E vendo-te do Tempo carcomida,
Entaõ dirá: Belmiro, Paſtor triſte,
Ou morreo ja, ou ja mudou de vida.

ODE I.

MAravilhoſas laminas pendentes
Na ſalla mageſtoſa,
Aureas cópas, alfaias excellentes
De eſtructura engenhoſa,
Muito embora rodeem do opulento
O tapeſſado aſſento.

Em ſoberbos Palacios encerrado
O illuſtre Cidadaõ,
De ſeus Avós antigos tendo herdado
Glorioſo Brazaõ,
Mande, governe; as Praças, e a Cidade
Mova a ſua vontade.

No

No magnifico Throno o Rei ſe aſſente ;
O pavido Eſtrangeiro
A' preſença temivel ſe apreſente ,
Em ferros prizioneiro ;
E com podêr diſpotico decida ,
Ou a morte , ou a vida.

Delicados manjares lhe guarneçaõ
A regulada meza ;
Nas luſtroſas bandejas appareçaõ
Os dons da Natureza ;
De montes de abundancias rodeado
Se penſe affortunado.

Eu nada d'iſto tenho : a humilde Choça
He o Palacio , onde habito ;
Mas aqui nada temo , com que poſſa
Dar gemidos afflicto. (to,
Se os hõbros naõ me adorna o Regio Man-
Se naõ me elevo a tanto ;

Ma-

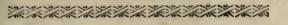
Matadores cuidados naõ rodéaõ
O meu ruſtico leito:
Alegres ſonhos ſobre mim ondeaõ
Logo apenas me deito;
Durmo em paz, d'inimigos naõ temendo
O golpe duro, e horrendo.

Sobre a deſpida meza, em pratos d'ouro
A iguaria naõ fuma:
O roxo ſumo do famoſo Douro
Nos criſtaes naõ eſpuma:
Tu, ſimples, tu, amavel Natureza
Es a minha riqueza.

Se na frente naõ mando em brava guerra
Hum Exercito inteiro;
Se, por me conſervar na propria terra,
Deſtemido guerreiro,
Brotando ſangue da mortal ferida,
Naõ perde a cara vida;

De que ſerve dominio taõ cruento?
Ter hum pobre rebanho,
Empregar nelle o alegre penſamento,
He iſto hum bem tamanho,
Hum bem, q̃ excede os apparentes bens,
Que tu, Grandeza, tens.

Voai, Heróes do Mundo, d'hora em hora
A' mais altos eſtados;
Famintos d'ambiçaõ, ſulcai embora
Os mares empollados;
Que, com pouco contente o meu deſejo,
Em nada vos invejo.

ODE

ODE II.

MOrtaes, eu ſou ditoſo:
Os grilhoens, q̃ arraſtava ha tantos annos,
Em mil pedaços fiz.
Já naõ ſuſpiro: paſſo venturoſo,
Izento de paixoens, livre d'enganos:
Mortaes, eu ſou feliz.

Atégora ſoffria
D'hum inſenſato amor a prizaõ dura:
A's impias leis ſujeito
Da Paſtora infiel ſempre vivia,
Ignorando a vileza, que a perjura
Eſcondia no peito.

Huma ſubtil cortina
Toda a ſua impiedade disfarçava :
Pela preſença amavel
Ninguem conheceria a ingrata Alcina ;
O veneno , os enganos , que occultava
O ſemblante adoravel.

Mas eu , que , deſde a idade
A mais tenra, a mais candida, e innocente,
Extremoſo a adorei ,
A conhecer cheguei a falſidade
D'aquelle monſtro vil , que loucamente
Tantos annos amei.

Logo , no meſmo inſtante ,
Que pude ver o ſanto Deſengano ,
A miſera cadeia ,
Que me fazia deſgraçado amante ,
A pezar do enleio deshumano ,
(Que ventura !) quebrei-a.

Em

Em vaõ a fementida
Quiz oppôr-ſe ao impulſo, que formava,
Humas vezes chorando,
Outras, qual féra Tigre embravecida,
Pelos Céos, por Amor firme jurava
De eu viver ſuſpirando.

Porém nem a ternura,
Nem quantos ameaços proferia,
Nada me penetrou.
Ah! procure as delicias da ventura,
Diſſe entaõ, vá paſſar em alegria
Quem ſempre ſuſpirou.

Baſta de captiveiro,
Baſta já de ſervir a hum Bem tyranno,
A' huma infiel Paſtora.
Naõ me prenda outra vez o liſonjeiro
Semblante,onde ſe occulta o feio Engano,
De quem 'ſtou livre agora.

Deſde

Desde entaõ meu cuidado,
Solto da perigosa tempestade,
Vive izento d'Amor.
Desde entaõ passo os dias descançado;
No meio da feliz tranquilidade
Sou ditoso Pastor.

Já naõ me mata o pezo
Da insoffrivel çadéia, que arrastava:
Naõ me assusta o horroroso
Estrondo do grilhaõ, com que era prezo:
Depois que me esqueci de quem amava,
Mortaes, eu sou ditoso.

ODE

ODE III.

SOmnolentos Amores
Da linda Mãi no candido regaço ;
Largando os paſſadores ,
A mortifera aljava ; o ferreo laço ,
Sobre a relva cahindo ,
Cançados de ferir , eſtaõ dormindo.

Já nos peitos amantes
Tem dominio o prazer da Liberdade :
Entranhas palpitantes
Reſpiraõ em feliz tranquilidade :
Já nos triſtes retiros
Naõ ſe ouvem reſoar crueis ſuſpiros.

As Ninfas innocentes
Da Lira harmonioſa ao ſom Divino
Vaõ unindo contentes
Deſte ditoſo dia o ſacro Hymno:
Coroados Paſtores
Em torno eſpalhaõ desfolhadas flores.

Na relva matizada
Mil paſſos regulares vai traçando
A tropa delicada;
E, junto á dança hum circulo fazendo,
Com vozes expreſſivas
Enchem os ares d'entoados Vivas.

» Viva a mimoſa Tirſe,
O noſſo bem, a gloria da eſpeſſura »
Ninguem póde eximir-ſe
De cultos tributar á Formoſura.
Velhos, moços, meninos
Adoraõ ſeus encantos peregrinos.

O

O meſmo Tempo annoſo,
De flores adornando a calva teſta,
Se demora goſtoſo
Nos alegres contornos da floreſta.
No engelhado roſto
Lhe brilhaõ o prazer, o riſo, o goſto.

Em freixos corpolentos,
De rijas tempeſtades zombadores;
Os ſeus contentamentos
Gravando eſtaõ Serranas, e Paſtores:
Padroens de tanta gloria
Querem deixar entregues á Memoria.

Até balbuciando
No collo de Mãi terna, e carinhoſa;
Eſtá pronunciando
Pequêna Paſtorinha gracioſa
Os ſons mal exprimidos;
Que fazem impreſſaõ nos ſeus ouvidos.

Neſte

Neſte ditoſo dia,
De bella Tirſe aos annos conſagrado,
Tudo o que he tyrannia
Fóge do patrio Douro affortunado.
O Prazer, a Ventura
Hoje o throno governaõ da eſpeſſura.

Naõ ſe ouve hum ſó ſuſpiro,
Grata ſatisfaçaõ tudo reſpira;
Té o pobre Belmiro
Contente hoje tempéra a branda Lira.
Tanto podem, Humanos,
Da nobre Tirſe os precioſos annos!

ODE

ODE IIII.

O Raivoſo Deſprezo
Contente brame, alçando ſobre os ares
Os ſeus crueis Triunfos:
Belmiro he triſte victima innocente;
Em que o monſtro d'horror emprega, en-
As feas, torpes garras. (tranha

Aſtuto procurou
Naõ arnezes, nem ferros paſſadores;
Mas huns Divinos olhos:
D'aqui meſmo vomita o fero eſtrago;
Com que atropélla a candida Innocencia,
A tremula Razaõ.

Sem

Sem forças, já cançado
De combater as iras do Tyranno,
Abro conſtante o peito
A' impiedade do barbaro inimigo:
Entra logo, atormenta, deſpedaça,
Faz atear a raiva.

O' Liberdade amavel!
Só pódes rebater o forte impulſo
Do implacavel monſtro!
Faz ſentir-lhe o podêr do teu imperio:
Co' a torpe Ingratidaõ afflictos gemaõ
Nos eſcuros abyſmos.

ODE

ODE V.

NAõ procuro de batalhoens armados
As deſtras, e belligeras fileiras,
Para vingar, Eliza,
Os terriveis eſtragos, que tens feito.

Deixa voar o Tempo arrebatado,
Paſſem Janeiros, tornem os Janeiros,
As Eſtaçoens do anno,
E eu verei humilhado tanto orgulho.

Quando os louros cabellos alvejarem;
Quando o fogo dos teus divinos olhos
Se for deſanimando;
Quando engelharem as rozadas faces;

Os teus altares cheios de deſprezo
Naõ veraõ, como agora, cem amantes
Pallidos, e gemendo,
Deſeſperados ferros arraſtando.

Co-

Como d'hum Edificio, que ameaça
Com gretadas paredes mil ruinas,
Haõ de fugir depreſſa,
Em te vendo eſſes meſmos, q̃ encantavas.

Naõ farás arquejar peitos afflictos,
Miniſtrando d'amor fatal veneno;
Para ti olharáõ,
Como para hum penedo inanimado.

Treme, Cruel, e penſa que os Troféos,
A altiveza, a vaidade, que hoje tens,
Inda haõ de ſer a cauſa
Das tuas afflicçoens, dos teus tormentos.

Vendo-te aſſim por todos deſprezada,
Roída com paixaõ, e com remorſos,
Erguendo as maõs ao Céo,
Entaõ direi: Eliza, eſtou vingado.

ODE

ODE I.

DE novo a Lira
Encordoemos,
Divino aſſumpto;
Muſa, cantemos.

Deixem meus olhos
De verter pranto,
Ao menos hoje,
Que alegre canto.

Fiquem ſuſpenſos
Dentro do peito
Os triſtes ais,
Que ao vento deito.

Graças, Amores,
Em torno andando,
Sublimes verſos
Me vaõ dictando.

De

De Eliza os annos,
Annos ſagrados,
Divinamente
Sejaõ cantados.

Mas tu naõ tocas,
Cançada Lira?
Só acompanhas
A quem ſuſpira?

ODE II.

DA rôta penha,
D'onde guardava
O meu rebanho,
Que em baixo andava,

Vi pela praia
Correr Cupido,
Quaſi ſem folgo
Esbafarido.

Acu-

Acudo logo,
Tomo-o nos braços;
Dou-lhe mil beijos,
Ternos abraços.

„ Ah! deixa, deixa,
Amor começa,
„ Deixa-me agora
„ Correr depressa:

„ A linda Eliza
„ Vou procurar,
„ Que hoje seus annos
„ Ha de contar.

Bracêja hum pouco,
Ponho-o no chaõ;
Mas inda prêzo
Lhe digo entaõ:

„ Onde deixaste
„ Os teus farpoens?
„ Onde ficáraõ
„ Duras prizoens?

 „ Se

„ Se te offender
„ Algum traidor,
„ Que lhe farás,
„ Coitado Amor?

Rio-ſe Cupido,
E, já correndo,
Voltando o roſto,
Me vai dizendo:

„ Eliza tem
„ Olhos galantes;
„ E nelles acho
„ Farpoens baſtantes.

ODE

ODE III.

HUma grinalda
Hoje formei;
Diverſas flores
Lhe miſturei.

Lizas Papoilas,
Rôxos amores;
E outras muitas
De lindas cores.

Até Suſpiros
Soube apanhar;
Só Bem me-queres
Naõ pude achar.

De verde Murta
Tinha-a enlaçada;
Era huma gloria
Vê-la acabada.

 Del-

Della as Paſtoras
Tinhaõ ciume ;
Te-la qualquer
Louca preſume.

Mas quando vem
Correr contente
Ornar d'Eliza
A linda frente ;

Baixando os olhos
Envergonhadas ,
Julgaõ as flores
Bem empregadas.

ODE

ODE IIII.

VEnus formoſa
Junto a hum regato
Eſtava olhando
Certo retrato.

Naõ ſe fartava
De o reparar,
Cada vez mais
Tinha que olhar.

Hum ſó gemido
Do peito exhala,
Beija o retrato,
E aſſim lhe falla:

„ Ah! ſe eu tivera
„ Taõ bello roſto
„ Nunca ſentíra
„ Mortal deſgoſto.

„ Eſ-

„ Eſtes cabellos
„ De ouro burnido
„ Saõ as prizoens
„ Do meu Cupido.

„ Dos grandes olhos
„ A'doce viſta,
„ Alma naõ ha,
„ Que lhe reſiſta.

„ Ornaõ-lhe as lindas
„ Faces formoſas,
„ Brancos Jaſmins,
„ Vermelhas Rozas.

„ Ricos Amores,
„ Farpas ſoltando,
„ Por entre os beiços
„ Andaõ bricando.

„ Mais do que neve
„ Branca garganta,
„ Sem ter adorno
„ Peitos encanta.

„O

„ O caſto ſeio ,
„ Templo d'Amor ,
„ Atéa incendios ,
„ Motiva ardor.

„ Mais do que Venus
„ E's venturoſa ,
„ Venus de ti
„ Anda cioſa. „

Quieta hum pouco
Inda ficando ,
Sem fazer bulha
Me fui chegando.

Olho , reparo ,
Eu me arrebato !
Vendo d'Eliza
Ser o retrato.

ODE

ODE V.

CAntar, Eliza,
Tua belleza,
He grande empreza,
Eu naõ me atrevo.

Se chego a ver
O teu ſemblante;
No meſmo inſtante
Tremo, deſmaio.

Elle me infunde
Hum tal reſpeito,
Que me entra o peito
Logo a arquejar.

Em ti contemplo
Numen terrivel;
Sempre inſenſivel
Ao meu tormento.

Seja

Seja o que for,
Que esta alma encerra;
Me cahe por terra
A frôxa Lira.

Ah, linda Eliza,
Gloria do Mundo;
Eu me confundo,
Naõ sei que diga!

Mas, se gemidos
Formaõ louvores;
Cançoens melhores
Ninguem te entôa.

ODE VI.

ENtrei no Templo
Do Deos d'Amor;
O que vi n'elle
Inspira horror.

Ro-

Rotas entranhas,
Fumo lançando,
Ainda eſtavaõ
Agonizando.

O altar funeſto
Do Deos tyranno
Nadava em ſangue,
Em ſangue humano.

Forçados ais
Alli ſe ouviaõ,
De triſtes peitos,
Que em vaõ gemiaõ.

Os duros ferros,
Que ſe arraſtavaõ,
Medonhos ſons
Accreſcentavaõ.

Pobres amantes
A cada canto
Vertiaõ ſempre
Amargo pranto.

Do eburneo Throno
Os via Amor,
E ſe alegrava
Da ſua dôr.

Eu, já medroſo,
Deſte lugar
Principiava
A recuar.

Porém Cupido
Naõ o conſente,
Pega nas armas
Ligeiramente.

Encurva o arco;
Solta hum farpaõ;
Que ſe me enterra
No coraçaõ.

Dei hum ſuſpiro
Quaſi mortal;
Mas fiquei vivo
Para meu mal.

En-

Entre desmaios
Gritei : „ piedade : „
Por esta achei ,
Barbaridade.

N'hum grilhaõ duro ,
Grosso , e pezado
Dahi a pouco
Vi-me enleado.

D'Amor escravo
Choro , suspiro ,
Padeço , aturo . . . ?
Pobre Belmiro !

'As prisoens rôtas
Nunca verei ,
Vivendo em ferros
Acabarei.

Tyranno Deos !
Maldito Templo !
Tomai , Humanos ,
De mim exemplo.

ODE VII.

HE trifte allivio
D'hum defgraçado
Contar a todos
O feu cuidado.

Eu, que fupporto
Iras d'Amor,
Tambem te conto
A minha dôr.

Se tu me obrigas
A fufpirar,
Attende, Eliza,
O meu penar.

Depois que vi
O teu femblante,
Paffei de livre
A fer amante.

Feliz

Feliz vivia
Entre os retiros ;
E nunca ſoube
Formar ſuſpiros.

Mas o teu roſto
Encantador
Ja me tem dado
Liçoens d'amor.

Naõ fui difficil
Em aprender ;
Nem preſumia
Tanto ſaber.

Por duas vezes
Te ouvi fallar ;
E aprendi logo
A ſuſpirar.

O mais, que ſei ;
Triſte ſoffrendo ;
A's minhas cuſtas
Fui aprendendo.

Mas

Mas naõ ſabia
 Que o ter amores
 Cuſtava tantas
 Acerbas dores.

Que, de cadéas
 Eſtando prezo,
 Sopportaria
 O teu deſprezo.

Que hum terno peito,
 Sempre fiel,
 Te encontraria
 Dura, e cruel.

Que aquelles olhos,
 Onde Amor gira,
 Me lançariaõ
 Mil raios d'ira.

Tudo ignorava,
 Nada ſabia,
 Quando ſem ferros
 Feliz vivia.

Mas ſei agora
O que he penar,
Já ſei gemidos
Ao vento dar.

Já ſei fazer
Verſos d'amor,
Já ſei dizer
A minha dôr.

Tu me enſinaſte
A ſer amante,
Aprendi logo
Do teu ſemblante.

Porém agora
Naõ ſejas dura,
Faze que tenha
Melhor ventura.

Pelos teus fauſtos
Ditoſos annos,
Abranda os meus
Grilhoens tyrannos.

Que eu te prometto,
A' fé d' Amante,
Ser-te fiel,
Sempre conſtante.

Quem taes promeſſas
Firme te jura,
Merece, Eliza,
Melhor ventura.

Veja em teus olhos
Meigos ſignaes:
Divina Eliza,
Ouve os meus ais.

ODE VIII.

FAçamos pazes,
Minha Belmira,
Attende a quem
Por ti ſuſpira.

Ornem teu rosto
Encantador
Doces signaes
De terno amor.

Brandos suspiros
Enternecidos
Venhaõ unir-se
Aos meus gemidos.

Deixa a indiff'rença,
Com que me tratas;
Naõ te misturas
Com as ingratas.

Naõ falles mais
No Tejo triste;
Pois nada em mim
D'elle presiste.

Se lá fiz Versos,
Objecto amado,
Voava ao Douro
O meu cuidado.

Quan-

Quando pegava
Na branda Lira,
Tu me animavas,
Cara Belmira.

Se só por isto
Fui delinquente,
He o meu crime,
Crime innocente.

Ah! tu bem sabes
Que naõ te minto,
Sabes o amor,
Que por ti sinto.

De injusta ira
Naõ mais te abrazes;
Belmira amada,
Façamos pazes.

ODE VIIII.

NAs Fontainhas
Belmiro hum dia
N'alma ſentia
Ancias mortaes.

A interna dôr
Deſabafando ,
Diz , exhalando
Sentidos ais :

„ Meu penſamento ,
Loucos ſentidos
Onde embebidos
Vos demorais ?

Sem deſcançar
De noite , e dia ,
Deſta porfia
Vós que lucrais ?

Se

Se a buſcar ides
Quem impia era,
A meſma féra
Sempre encontrais.

Inda naõ ſabe
O que he ternura,
Cruel, e dura
Cada vez mais.

Ve inſenſivel
Nos ſeus altares
Entre pezares
Triſtes mortaes.

Naõ eſtreméce,
Se chega a ouvir
Perto tenir
Grilhoens fataes.

Nem ſe lhe coalha
O ſangue quente,
Ouve indiff'rente
Sons infernaes.

Altiva fica
  Belmira rindo,
  Em perſentindo
  Que a procurais.

Vós bem ſabeis
  Que em vaõ a dôr
  Do ſeu Paſtor
  Lhe retrataes.

Nunca piedade
  Lhe mereceo
  Quem tem de ſeu
  Pobres cazaes.

Ah! ſe quer ſó
  Quem tem ventura,
  Será loucura
  Ateimar mais. »

Fica em ſilencio,
  Nada mais falla;
  Chorando exhala
  Miudos ais.

ECLOGA I.

MELIBEO, E AMINTAS.

MELIBEO.

Que he feito, caro Amintas, do teu gado?
Onde tens o rebanho numeroſo,
Que cobria a campina, e o montado?

Há poucos annos via-te goſtoſo
Apaſcentar lanigeros cordeiros
Nas margens d'eſte rio venturoſo.

Sentado á freſca ſombra dos ſalgueiros,
Da tua flauta doces ſons tirando,
Tranſportavas os ruſticos vaqueiros.

Té

Té as Ninfas gentis, atraveſſando
As criſtalinas ondas prateadas,
Te eſtávaõ d'entre os juncos eſcutando.

As meſmas avezinhas, encantadas
Pela tua ſonóra melodia,
Nas arvores pouſavaõ admiradas.

Mas como te deixou tanta alegria?
Porque eſtás taõ afflicto, taõ diff'rente
Do que eras, caro Amintas, algum dia?

Foges, como de féra, á humana gente,
Buſcas a melancolica eſpeſſura,
Sitio proprio d'hum peito deſcontente.

Aqui paſſas o dia, e a noite eſcura,
Soltando triſtes ais, que eſpalha o vento,
E aſſim naõ buſcas ter melhor ventura.

Na meſma Aldéa ſe ouve o teu lamento;
E ao mais duro Paſtor cauſa piedade
O afflicto ſom de taõ cruel accento!

E

E a mim com mais razaõ, q̃ n'hũa idade
Bem tenra ainda, Amor já tinha feito
Entre nós os proteſtos da amizade.

Se ſabes pois o affecto do meu peito,
Se te podem lembrar quantos extremos
Já fiz, e te deixavaõ ſatisfeito;

Será juſto que agora converſemos,
E que ao doce murmurio deſta fonte
Os teus males crueis communiquemos.

O meu gado entretem-ſe alli defronte:
Começa agora, Amintas, o teu conto;
Antes que me deſerte para o monte.

AMINTAS.

Oh! caro Melibeo, he iſſo hum ponto
Taõ fóra da razaõ, taõ deſaſtrado,
Que ſó em penſar nelle fico tonto!

D'an-

D'antes era Paſtor rico, e abaſtado;
Sobejava-me paõ no fim do anno;
E agora apenas tenho eſte cajado.

Mas iſto inda naõ he o peior damno,
Pois nos bens, que a Fortuna nos ordena,
Mal póde ter firmeza o peito humano.

A deſgraça cruel, que me envenena,
Toda a minha funeſta deſventura,
Naõ procede de origem taõ pequena.

Tens vivido, Paſtor, n'outra eſpeſſura,
Ignoras quanto ſinto, e, o naõ ignora
Inda a mais innocente creatura.

Todos ſabem que amei huma Paſtora,
Que por ella vivia deſvelado,
Que Themira cruel me foi traidora.

Mas que faço em contar-te o meu cui-(dado?
Foge, amigo, da minha companhia,
Deixa-me aqui morrer deſeſperado.

ME-

MELIBEO.

Amintas desgraçado! Quem diria
Que d'hum violento amor a paixaõ cega
Em situaçaõ taõ dura te poria!

Que triste fructo alcança quem se entre-
(ga
Ao dominò d'Amor! He desditoso:
Mas inda assim hum pouco te socéga.

Conta-me o teu destino rigoroso;
E logo o sentirás menos violento,
Por mais que seja triste, e lastimoso.

AMINTAS.

Duvido que o cançado pensamento
Se possa recordar de mal taõ forte,
Sem que eu desmaie, sem que perca o
(alento.
Porém, se naõ vier a fria Morte
A desgraça acabar do pobre Amintas,
Farei por te instruir da minha sórte.

Tu

Tu conheces Themira, a amavel filha
Do virtuoso Silvio. Eu tenho amado
Esta rara, e pasmosa maravilha,
Este portento pelos Céos formado,
Desde o dia infeliz, que pude vê-la,
Penetrado d'amor fiquei por ella.

(valho,
Os seus olhos mais bellos, do que o or-
Quando reluz na folha buliçosa
Do entroncado, e altissimo carvalho,
Feríraõ a minh'alma venturosa:
Entrei a suspirar, e em cada instante
Via incendios nascer n'hum peito amante.

Eu via pouco e pouco ir-me faltando
Aquella doce paz, aquelle gosto,
Que sentia o meu gado apascentando:
Encontrava no desmaiado rosto,
Quando escripto na clara fonte o via,
Sinaes d'huma cruel melancolia.

Valha-

Valha-me Deos! dizia muitas vezes,
Que motivo terei para andar trifte?
Já quafi vaõ correndo quatro mezes,
E em confervar-me affim meu peito infifte?
Mas a imagem, q̃ n'alma impreffa andava,
Toda a minha ignorancia diffipava.

Porém era mais duro o meu tormento;
Naõ podendo expreffa-lo á origem d'elle:
O coraçaõ me ardia a fogo lento,
Remedio naõ lhe dava; como aquelle;
Que de fêde mortal acommettido,
A'vifta da agua cahe desfalecido.

Chegou em fim a defejada fefta;
Onde as noffas Paftoras fe ajuntavaõ:
Já nos frefcos lugares da florefta
Os valentes cajados fe arvoravaõ:
Cada qual revolvia na memoria
A vantagem, o premio, a victoria.

O

O ſitio da contenda eſtá patente;
Mas naõ ſe entende hum leve deſafio:
Com razaõ ſe murmura, e toda a gente
Dos Paſtores accuſa o fraco brio.
Naõ pude ſoffrer mais: fui o primeiro,
Que ſaltei para o largo do terreiro.

(cta,
No meio com valor me exponho á lu-
(Cuido que por Amor era animado)
O forte Jonio a gloria me diſputa;
Mas depreſſa ficou no chaõ proſtrado.
Altos, alegres vivas ſe entenderaõ,
E hum malhado cordeiro entaõ me deraõ.

Pego nelle, e Themira procurando,
Themira, que mais bella do que a Aurora
Tinha eſtado tambem preſenceando,
Aqui tens, gentiliſſima Paſtora,
Lhe digo entaõ, o premio, que pertence
A quem os coraçoens domina, e vence.

O

O pejo lhe circula a rubea face;
Fica mais linda, fica mais galante:
Mas, antes que o cordeiro me acceitasse,
Vai consultar o paternal semblante.
Pegou nelle, e, baixando os olhos bellos,
Me agradece com termos mui singellos.

Logo o mesmo Pastor me desafia,
Já suado, e coberto de poeira;
E que de mais tres cabras perderia
Quem ficasse vencido na carreira:
Com promptidaõ o desafio acceito;
E de animo revisto o amante peito.

Em quanto huma baliza se marcava;
Deitei os olhos meus para Themíra;
Que já tambem c'os seus me accompanhava:
O coraçaõ ferido entaõ suspira;
E o meu Bem, de mil graças adornado,
Respondeo c'hum surriso disfarçado.

Ape-

Apenas ſignal dérão, de repente
Parti, corri, voei, e n'hum momento;
Paſſando o meu rival, conſtantemente
Acclamárão por meu o vencimento:
E o roſto de Themíra bem moſtrava
Quanto as minhas venturas eſtimava.

O' Melibeo, ſe então vencer podeſſe
Milhar d'homens, Exercitos inteiros;
E ao meu grande valor ſe concedeſſe
Reinos em vez de Cabras, e Cordeiros;
Menos feliz ſem duvida ſería,
Não tinha o coração tanta alegria.

Em quanto outros Paſtores apoſtavão,
Os olhos de Themira, e os olhos meus,
Com ſecretos ſignaes d'amor fallavão:
Eis-que ſinto chegar d'hum triſte adeos
Rapida hora, a hora deshumana;
Com Silvio ſe auſentou para a cabana.

Qual

Qual foi a interna languida trifteza,
Quando vi que o Deftino me roubava
O bem preciofo, onde a minha alma preza,
Com todas as potencias já fe achava!
Dizei-o vós, fombrios arvoredos,
Teftemunhas fiéis dos meus fegredos.

Em toda a noite o afflicto penfamento
Me figurava a imagem de Themíra:
No meu amante peito Amor violento
Impio vibrava a fua cruel ira:
Cercado de afflicçoens appetecia
A ferena manhã do claro dia.

Apenas as fonoras avezinhas
Da Aurora o nafcimento me inftruiraõ;
Abri logo o curral, e as ovelhinhas,
Balindo de alegria, me feguiraõ.
O efpaço atraveffei d'aquelle monte,
E as deitei a paftar junto da fonte.

Encoſtando-me ao ruſtico cajado;
Co' a maõ na face, e os olhos para a terra
Voltados, bem moſtrava neſte eſtado
A moleſta paixaõ, que o peito encerra.
Qualquer por mim ſem o ſentir paſſava:
Taõ diſtrahido o penſamento eſtava!

Eſtava aſſim: té que huma voz ouvindo,
Huma Angelica voz, terna, agradavel,
Sahi deſte lethargo, já ſentindo
Dentro d'alma alvoroço inexplicavel.
Era a minha Paſtora: o doce canto
D'outra nenhuma me alegrava tanto.

Ao pé de mim chegou; e eu, naõ poden-(do
Soffocar os impulſos, que ſentia,
Em quanto d'agua o pote eſtava enchendo,
Os meus cégos amores lhe exprimia.
Foi ſenſivel; Paſtor, aos meus extremos,
E pura, eterna fé nos promettemos.

Na

Na mais forte paixaõ paſſei dois annos
Com a minha ventura ſatisfeito;
Naõ temia inſenſato os vis enganos,
Que huma Paſtora eſconde no ſeu peito;
Só preſumia em grangear-lhe o agrado,
Naõ tinha outra canceira, outro cuidado.

Má hora que na aldêa ſe me viſſe
Contente divertir outra ſerrana;
Nem, antes que Themíra conſentiſſe,
A Cithara tocar n'outra Cabana:
Quer foſſe na campina, quer na fonte,
Sempre Amintas ſe achava ahi defronte.

Do meu Pomar a frućta mais mimoſa,
O Peſſego, a Laranja, a Pera, a Lima,
O brando Figo, a Ginja ſaboroſa,
E toda a que merece alguma eſtima,
Pela freſca manhã era cortada,
E offrecida ao meu Bem, á minha Amada.

Se pefcava no rio alguma Truta,
Se no monte caçava algum Coelho,
Se as apoftas ganhava ao jogo, e á lucta;
Naõ cuidava em tomar novo confelho,
Para quem as daria: era fabido
Que a mais ninguem pendia o meu fenti-
(do.

Sempre a bella Themíra era a primeira,
A quem fe viaõ nos feus louros cabellos
Os botoens mal abertos da rozeira:
Pois bem-me-queres,o ponto era have-los,
Que Amintas cuidadofo os procurava,
E huma frefca grinalda lhe enlaçava.

Em paga mil amantes juramentos
Cada hora a tyranna me fazia;
Porém tudo aleivofos fingimentos,
Que o disfarçado peito lhe encobria.
Mas fe Themíra muito mais differa,
Muito mais, caro amigo, entaõ lhe crêra.

Fi-

Finalmente chegou á noſſa aldéa
Dorindo, eſte rival, que me conſome:
A Perfida o amou: que acçaõ taõ féa!
Té de Amintas riſcou o triſte nome,
O nome, que ambos tinhamos gravado
(Signal d'amor) n'hum freixo levantado.

Mas inda d'iſto meſmo duvidoſo,
Procurei a Themíra, e encontrando
Aquelle coraçaõ vil, e aleivoſo,
Sem nada me fallar, foi caminhando;
Nem ſe quer me ſalvou, fez que naõ via
Hum deſgraçado, que matar queria.

A innocente aveſinha, que he ferida
Pelo ferro do caçador tyranno,
Taõ depreſſa naõ fica eſmorecida,
No coraçaõ naõ ſente peior damno,
Do que eſta alma fiel entaõ ſentio,
Quando em Themíra tal mudança vio.

La-

Lagrimas dos meus olhos rebentáraõ,
Suffocados ſuſpiros doloroſos
Eſte pranto infeliz acompanháraõ,
Os troncos inſenſiveis mais piedoſos
Moſtráraõ ſer entaõ, do que a Perjura,
A' voz da minha triſte deſventura.

Vendo ainda a Cruel que no meu peito
Huma fraca eſperança preſiſtia,
Quiz de todo romper o laço eſtreito
Do immortal amor, que me prendia;
A' minha meſma viſta com Dorindo,
Sem o menor ſoçobro, eſteve rindo.

Deſde entaõ, Melibeo, deſenganado,
Seguro de naõ ter melhor ventura,
Como hum bruto animal deſeſperado,
Vago os ſombrios boſques da eſpeſſura.
Nunca poſſo encontrar na minha Sórte
Algum allivio, ſó ſe fôr a Morte.

O

O A'lamo, onde alegre coſtumava
Gravar a mutua fé, os meus amores,
Aquelle, que mil vezes me abrigava
No veraõ aos quentiſſimos ardores,
Seccou de todo, para ver extinctas
As memorias fieis do triſte Amintas.

Naõ foi ſó eſta perda: o manſo gado
Começou à mingoar de tal maneira,
Que muitas vezes ſem comer, paſmado
Ficava na campina a tarde inteira.
Eu naõ ſei que o tolheo; pelos outeiros
Me morrêraõ as Cabras, e os Cordeiros.

Os campos, onde tinha alguns Centeios,
E aquelles, em que eſtá o louro Trigo,
D' Avéa impura, e de Zizania cheios,
Me faziaõ ter iſto por caſtigo:
Porém de tudo nada me affligirá,
Se naõ foſſe a inconſtancia de Themíra.

Ven-

Vendo, pois, que a desgraça naõ queria
Cançar de me affligir, a humilde Choça
Para sempre deixei: a noite, e o dia
Aqui passo gemendo, até que possa
Ser livre da insaciavel Desventura
Nos horrores da triste sepultura.

MELIBÈO.

O teu conto, Pastor, me tem causado
Bastante pena: quanto he lastimoso
O negro abysmo, em que andas sepulta-
(do!
Da vil Pastora o genio monstruoso,
Seu coraçaõ nutrido da crueldade
Te arrancaõ do socego venturoso.

Mas isto naõ me causa novidade,
Pois ha bem poucos mezes succedeo
Perto d'Aldéa igual inf'licidade.

Bem

Bem conheces Belmiro, Amigo meu,
Pergunta-lhe a tragedia, que impiamente
Com Eliza a Deſgraça lhe teceu.

Se naõ paſſára a ſer impertinente,
Te contaria caſos ſimilhantes
A'quelle, porque gemes deſconte.

Deſtes aprenderiaõ os Amantes
Que as Paſtoras, crueis por natureza;
Além d'iſto ſaõ falſas, e inconſtantes.

Porém, Amigo; agora o que me peza
He ſentir-te de magoas penetrado,
Sem te ver caſtigar huma vileza.

Eſſa Paſtora indigna, que ha faltado
D' hum puro amor ao ſanto juramento,
Mais occupar naõ deve o teu cuidado.

Seja fumo, que eſpalhe o rijo vento:
Deſde hoje naõ preſiſta na lembrança
O principio cruel do teu tormento.

A'

A' ſua meſma viſta brinca, e dança;
Diverte-te, converſa co' as Paſtoras,
Affecta naõ ſentir eſta mudança.

Vingado te verás em poucas horas;
Naõ fazendo algum caſo de a perderes,
E moſtrando á Infiel que a naõ adoras.

Torna a goſtar os candidos prazeres
Da tua doce, e amavel liberdade,
E ſabe que as Paſtoras ſaõ mulheres.

AMINTAS.

Se da minha deſgraça tens piedade;
Conſente, Melibeo, que os triſtes dias,
Que viver, paſſe neſta ſoledade.

Troquei as minhas doces alegrias,
Depois que me deixou aquella Ingrata;
Por tormentos, por ancias, e agonias.

Bem

Bem ſei que eſta paixaõ naõ he ſenſata;
Mas q̃ lhe hei de fazer? Amor o ordena,
Amor Tyranno, que d'amor me mata.

A huma afflicçaõ eterna me condemna;
E, para maior mal, no penſamento
De Themíra me pinta a horrivel ſcena.

Deixa-me pois ſoffrer o meu tormento,
Que em vaõ pertenderás n'hum deſgraça-
Coraçaõ inſpirar contentamento. (do

MELIBEO.

Caro Amintas, ao teu antigo eſtado
Pódes hoje tornar; eu já te off'reço
De boamente parte do meu gado.

He mui curto favor, eu bem conheço;
Porém quando a amizade o faz ſincéro,
Amintas adorado, naõ tem preço.

E

E pelos meus extremos tambem quero
Que vás paſſar comigo hum pár de dias,
A ver ſe deſvaneces mal taõ fero.

AMINTAS.

Eſtas minhas mortaes melancolias,
Haõ de ter fim, mas quando convertido
O meu corpo eſtiver em cinzas frias.

Entaõ ſim, Melibeo, porque, eſquecido
Do meu ingrato Bem, da minha Amada,
Perderei eſta imagem do ſentido.

MELIBEO.

A noite, a eſcura noite eſtá chegada;
As féras por aqui andaõ famintas,
Juntemos a pacifica manada.

Vamos para o Cazal: de todo extinctas
Tuas penas ſeraõ; e em breves dias
Em Amintas verás hum novo Amintas.

ECLO-

ECLOGA II.

BElmiro andava ha tempos desvelado
Por encontrar Eliza, os seus amores:
Só deixava pastando o pobre gado
A branda hervinha, as engraçadas flores:
Para a fonte corria diligente,
Sem se lhe dar do que diria a gente.

Muitas tardes lá foi, sem ter proveito;
Pois, ou vinha a Pastora acompanhada,
Ou com elle se achava outro sugeito.
Assim tinha d'amor a alma abrazada;
E por unico allivio nos retiros
Consagrava ao seu Bem ternos suspiros.

Até

Até que hum dia (por acaſo eſtando
Debruçado á janella da cabana)
Por huma coſta vio ſubir cantando
A ſua gentiliſſima Serrana.
Apenas fecha a porta , e ſem cajado
Vôa junto d'Eliza tranſportado.

Graças a Deos , Paſtora, entaõ lhe diſſe,
Que todo o meu deſejo eſtá completo !
Andava louco ; e quaſi a ſer tontice
Chegava o grande extremo deſte affecto.
O coraçaõ de magoa eſtalaria ,
Se hoje a minha paixaõ te naõ dizia.

Os teus bellos coſtumes , e a pureza
Do teu amavel genio me tem feito ,
Pequena Eliza , naõ ſentir dureza
Nas prizoens groſſas, a que eſtou ſujeito.
E talvez tanto amor , q̃ ha tempos trago ,
Seja , Ingrata , por ti mui bem mal pago.

Na terra os grandes olhos tinha poſto
'A innocente Paſtora : fez-lhe o pejo
Similhante a huma roſa o lindo roſto.
Foi vencida a Vergonha do Deſejo :
E, animando huma viſta gracioſa,
Aſſim reſponde meiga, carinhoſa :

(ra,
Se o quanto adoras Marcia naõ ſoubé-
Pelas tuas mentiras ſeduzida,
Neſſes falſos extremos entaõ crêra;
Mas a tua paixaõ he bem ſabida :
Da noſſa aldéa todos os Paſtores
Naõ ignoraõ q̃ Marcia he os teus amores.

(triſte)
Ah! meu Bem (lhe tornou hum pouco
Se outro objecto, tirando a bella Eliza,
Neſte peito, que he teu, agora exiſte,
Todo o paſto no chaõ que o gado piza,
Se lhe converta em aſperos abrolhos,
E em caſtigo me falte a luz dos olhos.

Por

(des,
Por ti morro d'amor, tu bem o enten-
Injuſtamente agora me criminas ;
E ſe viſſes , Cruel , quanto me offendes ,
Quanto ſinto a vileza , que imaginas ,
Quanto o meu coraçaõ palpita afflicto,
Perdaõ me pedirias do teu dicto.

Se alguem te contou eſſa falſa hiſtoria,
Talvez por nos meter em odio injuſto,
Riſca taõ vil mentira da memoria ,
Da minha ligeireza acabe o ſuſto.
Pódes dizer com toda a ſegurança
Que no meu coraçaõ naõ ha mudança.

Todos os meus cordeiros innocentes
Te podiaõ dizer quantos ſuſpiros ,
Quantos triſtes ſoluços deſcontentes ,
Longe de ti ſe me ouvem nos retiros ;
Quantas vezes repito ás meſmas flores
Eſte nome d'Eliza , os meus amores.

Quan-

Quando vou ás funçoẽs da noſſa Aldéa,
E naõ vejo entre os mais teu lindo roſto,
Fitando os olhos meus na branca aréa,
Como immovel penedo fico poſto.
Melancolico paſſo a tarde toda,
Sem ſaber ſe ſe canta, ou dança á moda.

Pelo contrario, Eliza, ſe embellece
Aquelle ſitio a tua companhia,
Logo no meu ſemblante ſe conhece
Os ternos ſentimentos d'alegria.
Muitos eſta mudança já tem viſto; (to.
Pois, em vendo o meu Bem, naõ lhe reſiſ-

E ainda crês em ditos, q̃ me offendem?
Imaginas, Cruel, que ao teu Belmiro
Mais cadéas, que as tuas, hoje o prendem?
Inda duvidas que por ti ſuſpiro?
Acredita, Paſtora, o meu affecto;
Ferido naõ me tem diverſo objecto.

Paſtor , (riſonha, Eliza reſpondia)
Eu quero acreditar-te , e tambem quero
Que ſaibas a entranhavel ſympathia ,
Porque me es caro , com que te venero :
Naõ ſei ſe amor lhe chame;ou ſe he reſpei-
Pois em te vendo abala-ſe o meu peito.(to;

(dos
Quando entendo os teus Verſos repeti-
Por diſcretas Paſtoras , e lhes vejo
Attribuir applauſos merecidos ,
Com que couſas ſe occupa o meu deſejo!
Quizera entaõ que Eliza te inſpiraſſe ,
Que ſó meu nome nelles ſe encontraſſe.

Será ſonho, meu Bem , tanta ventura!
(Interrompe Belmiro , com tranſporte)
He verdade , o teu roſto mo aſegura.
Feliz Belmiro ! Venturoſa ſorte !
Agora vou riſcar quantos tormentos
Me cauſavaõ cioſos penſamentos.

Se

Se ás vezes meus ouvidos entendiaõ
Que eras taõ bella, como a Madrugada,
Que os teus olhos os coraçoens feriaõ,
Que em te agradar andava desſvelada
A freſca mocidade ; infernal zêlo
Me fazia tornar o peito em gêlo.

Baſtava que te viſſe levemente
Dar a qualquer Paſtor hum brando riſo,
Para ficar afflicto de repente,
E de todo perder o meu juizo :
Taõ forte era a paixaõ que padecia ;
As duras penas, que em te amar ſoffria!

Mas agora que eſcuto, Eliza amada,
A terna confiſſaõ dos teus amores,
De todo fica eſta alma ſocegada,
Naõ recéa os exceſſos dos Paſtores.
Porém ſou deſgraçado ; ainda temo
Que duravel naõ ſeja tanto extremo.

“ Naõ, Belmiro, (diz ella, com firmeza,
Animando d'amor o lindo rosto)
Facilmente naõ pódes ligeireza (to.
Encontrar , em quem te ama por seu gos-
Longe do coraçaõ te ser ingrato ,
Vivirá nelle escripto o teu retrato.

A rolinha fiel , que geme afflicta ,
Quando a cara ametade lhe he roubada ;
Que d'hum ramo a outro ramo em vaõ se
Sem socego, de dores penetrada , (agíta,
Nunca me excederá no triste giro ,
Quando ausente estiver do meu Belmiro.

Quantas flores colhêr no verde prado,
Quantas c'roas tecer das mesmas flores ,
Haõ de ser hum tributo consagrado
A' nossa mutua fé, aos meus amores. ”
Belmiro lhe jurou da mesma sórte ,
E ser fiel ainda além da morte.

Eliza

Eliza satisfeita esteve ouvindo
De taõ amante affecto o puro enleio; (do,
E, o seu candido lenço hum pouco abrin-
Huma ja murcha flor tira do seio;
O Pastor a recebe com respeito,
Por tres vezes a beija, e a poem no peito.

A porta do Cazal ficou-me aberta,
(Continúa a Pastora) e tenho medo
Que minha Mãi, achando assim deserta
A Cabana, descubra este segredo. (sa
Vou-me embora, Pastor: quanto he custo-
De quem se adora a ausencia rigorosa!

Adeos, Eliza, meu objecto amado,
(Despede-se Belmiro suspirando)
Agora, de tristeza rodeado,
Fico duras saudades supportando:
Em quanto naõ tornar a ver teu rosto,
Naõ tornarei a ter hum leve gosto.

Naõ

(ria
Naõ te esqueças de mim; tem na memo-
Do teu Pastor fiel a imagem triste ;
Nisso me causarás immensa gloria ,
Em quanto o meu amor firme resiste
A' distancia cruel , que nos separa ,
Em quanto naõ nos vemos, prenda cara.

De tudo, o q̃ em mim vês,gado,cabana,
Colméas , dispor pódes livremente ;
Quer seja dia santo, quer semana ,
De em tudo te servir serei contente :
Em fim tu sabes bem com que alvoroço
Te off'reço quanto valho, e quanto posso.

Acabou de dizer , e ja partindo
Hia a linda Pastora satisfeita :
Apôs ella Belmiro a vai seguindo ,
Té que o ultimo adeos saudoso acceita :
E depois n'huma penha levantada
O nome foi gravar da sua Amada.

ECLO-

ECLOGA III.

JA' tinha o Lavrador da ſementeira
Tirado para fóra o curvo arado;
Já trazia a innocente Pegoreira
Do monte para achoça o manſo gado;
E as Paſtoras ſeu cantaro levando
Para a fonte, ſe ouviaõ ir cantando.

Em fim de todo o Sol ſe tinha poſto,
Já muito mal ſe diſtinguia a gente,
Quando Belmiro, imagem do Deſgoſto,
Da cabana ſahia lentamente:
E em cada paſſo, que o Paſtor formava,
Sentidos ais do triſte peito dava.

Até

Até que entrou por huma balça escura,
Onde reina o Silencio pavoroso:
Alli naõ se ouve humana creatura,
Nem cantar Rouxinol melodioso.
Mas só de tempo em tempo entaõ se escu-(ta
O rouco Moxo na escondida gruta.

Depois de ter hum pouco respirado
O sombrio vapor destes lugares,
A hum caduco freixo recostado,
De todo larga a redea aos seus pezares.
Terrivel afflicçaõ no peito gira,
E diz alto o que a sua dôr lhe inspira:

Amavel solidaõ, que doce encanto
Venho gostar no teu mimoso seio!
Com liberdade espalho amargo pranto,
De suspirar naõ tenho algum receio;
Quanto sinto declaro aos teus penedos,
Sem temer que descubraõ meus segredos.

Só em ti he que alcança refrigerio
Hum trifte genio, que a paixaõ confome;
Só aqui menos duro o feu imperio
Confente que eu algum allivio tome.
No meio da mortal melancolia,
Naõ me he tanto cruel minha agonia.

Atégora á florída Primavera
Defenhava Cançoens harmoniofas:
Na campina da verde frefca hera
Enlaçava feliz c'roas mimofas:
Tudo acabou, ja tudo eftá mudado,
Como d'antes naõ fou, fou defgraçado.

Depois que pude vêr huma Paftora,
Mais amavel, que a luz da Madrugada,
Da linda Mãi d'Amor competidora,
O meu encanto, a minha Eliza amada,
Diffe adeos para fempre á liberdade,
Aos prazeres, á antiga f'licidade.

Bem

Bem como aquella flor tenra,e formosa,
Que no campo, durando o Estio ardente,
Perde insensivelmente a côr mimosa,
De todo inclina a desmaiada frente;
Assim mesmo espirou sem violencia
No peito meu a candida innocencia.

Sinto-me prezo, e ja taõ costumado
A sopportar asperrimos tormentos,
Que só d'imagens tristes rodeado
Desabafa a minha alma alguns momentos;
Horrorisa-me o prado verdejando,
Naõ posso ouvir a fonte murmurando.

Deixo sem compaixaõ de noite ao frio
Meus peludos cordeiros; naõ receio
Que possaõ vir a ter algum desvio,
Ou que saltem com fome a campo alheio.
Os visinhos, que vem quaõ mal os tracto,
Tem dó delles, e chamaõ-me insensato.

To-

Todos pasmaõ da estranha novidade,
Que encontraõ no meu genio, que algũ dia
Alegre, cultivando a patria herdade,
Os rigores do tempo alli soffria;
E agora que se passa huma semana,
Sem me verem, metido na Cabana.

Vai-se-me consumindo pouco, e pouco
O rebanho, os meus bens, a propria vida;
Por hum tyranno amor vejo-me louco,
Toda a minha esperança está perdida;
E os meus males se augmentaõ de tal sórte,
Que muitas vezes peço a horrivel morte.

Eliza, esta Pastora sem piedade,
Que só para Belmiro he impia féra;
Depois de me roubar a liberdade
Despreza-me cruel (quem tal dissera!)
Como o rochedo, que he do mar batido,
Naõ se abranda ao meu pranto internecido.

Zom-

Zomba dos froxos, e mal dados laços,
Que a innocente paixaõ nos tinha urdido:
Moſtra-ſe altiva, quebra em mil pedaços
O doce enleio, por Amor tecido:
Neſte eſcripto cruel diz a tyranna,
Que naõ me quer: em fim me deſengana.

Ah! letras do meu Bem, unica prenda,
Que me reſta na minha inf'licidade!
Ainda que em vos lendo afflicto entenda
Os negros ſentimentos da crueldade,
Para longe de mim naõ vos largára;
Pois ſempre ſois da minha Eliza cara.

Mais q̃ as proprias colméas vos eſtimo
(Deos ſabe que iſto digo com lizura,)
E tenho em mais apreço o voſſo mimo,
Que a chuva, que me rega a ſemeadura:
Em vos lendo mil vezes cada dia,
Foge a nuvem, que o peito me cubria.

(do?
Mas que fallo ? que eſtou pronuncian-
Que fantaſticas glorias imagino !
O coraçaõ , de magoas eſtalando ,
Ja naõ ſente o ſeu horrido deſtino.
Ah ! Belmiro , Belmiro deſgraçado ,
Quando te penſarias neſte eſtado !

Tu , que d'antes no brinco dos Paſtores
Mais que todos alegre te moſtravas ;
Tu , q̃ compunhas as Cançoẽs melhores ,
E aos Domingos na Aldéa recitavas ;
Que cheio d'hum feliz contentamento
Dizias que d'Amor eras izento !

Quando imaginarias que , metido
Por entre as ſombras d'eſta balça eſcura ,
Recoſtando-te a hum tronco carcomido ,
Havias de chorar tanta amargura !
Quando cuidaſte vêr (duro tranſporte !)
Aſſim mudada a tua fauſta ſórte !

Nun-

Nunca o penſei : mas quando a linda
Vi d'Eliza no perfido ſemblante, (graça
Uſou Amor d'huma aleivoſa traça,
Para atear-me a chãma devorante.
Encheo-me de eſperanças o tyranno ,
Pobre de mim ! foi tudo hũ puro engano.

Té , ſe a minha ternura ſuffocada
Chega á preſença da Paſtora amavel ,
Neſta pintura toſca , inanimada
Farta a ſua paixaõ inſaciavel :
O brando papel raſga em mil pedaços ,
Aos pés o calca , e enche-o de ameaços.

Depois , voltando os olhos cheios d'ira,
Mas aſſim meſmo lindos , e formoſos ,
Voltando-os para a parte , onde ſuſpira
Hum firme peito triſtes ais ſaudoſos ,
Deſeja ver-me o coraçaõ cravado ,
Como ſe foiſe crime o havê-la amado.

Cruel

Cruel Amor, tyranno Penſamento,
Que pertendeis de mim, ſe a ingrata Eliza
Tanto mal me appetece, e o meu tormento
Genio taõ duro nada penaliza?
Quero viver ſem vós, fugi depreſſa,
Que a idéa deſta barbara ſe eſqueça.

E vós, noćturnas filhas da Triſteza,
Cujo lúgubre, enrouquecido canto
Enche de horror a meſma Natureza,
Voai junto de mim, gemei, em quanto
Choro crueis deſprezos; vinde agora
Conſolar a paixaõ, que me devora.

Mas, ſe chegarem os fataes momentos,
Em que haõ de terminar as minhas lidas,
Os meus cançados ais, os meus tormentos,
Sêde mais que a Tyranna internecidas:
A'viſta do meu roſto defecado
A morte laſtimai d'hum deſgraçado.

Me-

Melancolicos, funebres Cypreſtes
Adornem minha toſca ſepultura:
Gravai junto dos troncos mais agreſtes
Toda a hiſtoria da minha deſventura:
Que ſe léa: *Belmiro entre os Paſtores*
Por Eliza cruel morreo d'amores.

Diſſe: mas, reclinando bem depreſſa
Para cima do ſeu eſquerdo braço,
Molhado o roſto, a languida cabeça,
Penſativo ficou pequeno eſpaço;
Té que, dando hum ſuſpiro mais ardente,
Cahio na fria terra mortalmente.

Aſſim Belmiro eſteve alguns momentos,
Sem ſoccorro de humana creatura,
Pois em ninguem procure ſentimentos
Hum Paſtor, que he de todo ſem ventura:
E, tornando a ſi deſta dôr tyranna,
Suſpirando voltou para a cabana.

ECLO-

ECLOGA IIII.

BELMIRO, E AONIA.

AONIA.

MEu Belmiro, que tens ? porque ſuſpiras ?
Que motivo te obriga a eſtar ſoffrendo
Da Triſteza cruel as crueis iras ?

Quem pôde carregar-te o golpe horrendo,
Com que o teu coraçaõ ſinto paſſado,
Que ſem allivio ter ouço gemendo ?

Ao muſgoſo penedo recoſtado,
Debruças para a terra o afflicto roſto,
Em triſtes, quentes lagrimas banhado.

Naõ moſtras os ſignaes d'aquelle goſto,
Com que junto do Tejo ſatisfeito
Hias paſſando a tarde até o Sol poſto.

Arqueja velozmente o terno peito;
E quando os olhos para mim levantas,
A maior afflicçaõ te poens ſujeito.

Ao ſom da branda Lira já naõ cantas
Aquellas venturoſas cantillênas,
Com que o meu coraçaõ nutres, e encantas.

Ao ſilencio profundo te condêmnas:
Meu Belmiro, que he iſto? por piedade
A'tua Aonia explica as tuas penas.

BELMIRO.

(corro!
Queres ſaber ... (ó Céos, em que diſ-
Porque me vês taõ triſte, e macilento?
O principio tu és do meu tormento,
Por ti agora certamente morro.

AONIA.

AONIA.

Ah cruel! aſſim pagas a ternura,
Com que fina te adoro? aſſim pertendes
Manchar d'hum caſto peito a fé mais pura?
(des
Cauſar-te algũ tormento! ou mal enten-
Do meu amor a candida pureza,
Ou com falſos pretextos te defendes.

BELMIRO.

Os zelos infernaes, Aonia cara,
Naõ me ſazem brotar roucos gemidos;
Mas a Sórte, que, tendo-nos unidos,
Sem piedade, raivoſa nos ſepara.

AONIA.

Tu deliras, Ingrato? que vileza
Nas entranhas eſcondes? por ventura
Encontras no teu Bem menos firmeza?

Pois ſe as noſſas prizoens Amor ſegura,
Se na minha conſtancia vives certo,
Porque intentas deixar eſta eſpeſſura?

BELMIRO.

Naõ he, formoſa Aonia, por vontade
Que para o Douro retirar-me intento:
Neſte largo penedo toma aſſento,
E attende o teu Belmiro por piedade.

Tu ſabes porque força do Deſtino,
A Cabana deixando, em que vivia,
Cheguei a entrar, cercado de alegria,
Nas aréas do Tejo criſtalino.

Foraõ paſſando quaſi tres ſemanas;
Que no meu peito a ſanta paz reinava;
Quando Amor nos teus olhos me forjava
Doces prizoens, cadéas ſoberanas.

Appareces-me hum dia taõ formoſa,
Taõ amaveis encantos reſpirando,
Que huma ſó viſta ſobre mim lançando,
Gemer fizeſte huma alma venturoſa.

Logo a terna paixaõ ſe foi nutrindo
Com tanta rapidêz, que eſte meu peito
Só tinha allivio, e eſtava ſatisfeito,
Quando podia ver teu roſto lindo.

Soubeſte que te amava: mas, tyranna,
Expreſſando-te o meu amor ardente;
Que deſprezos ſoffri primeiramente,
Antes que te encontraſſe mais humana?

Procurava mil meios de agradar-te:
Era alegre, ſe alegre te moſtravas,
Deſcontente, ſe afflicta ſuſpiravas,
O meu deſvelo todo era imitar-te.

Aquelle cordeirinho mais amado,
Que das tuas caricias era cheio,
Mil vezes o beijei, unido ao ſeio,
Tinha-o largos inſtantes apertado.

As venturoſas flores, que toucavaõ
O teu louro cabello, ſe cahiaõ,
Nenhuns Paſtores mais as poſſuiaõ,
Junto ao meu coraçaõ ſe ſepultavaõ.

Mas eſcuſo contar-te a longa hiſtoria
Das finezas, que obrei por teu reſpeito;
Tu as ſabes, meu Bem, eu naõ ſuſpeito
Que as perdeſſes taõ cedo da memoria.

Cheguei ultimamente a ſer ditoſo,
Alcançando o favor dos teus extremos;
E huma conſtancia eterna promettemos
Contra o podêr do Fado rigoroſo.

Mas quando em adorar-nos mais conſ-
(tantes
Eſte fero inimigo nos perſente,
Inſenſivel ao noſſo amor ardente,
Me faz viver no Douro, como d'antes.

Obriga-me a deixar-te, Aonia amada,
A deixar eſtes campos venturoſos;
E a trocar por penedos cavernoſos
Do Tejo a branca aréa prateada.

Naõ poſſo reſiſtir; quem he ſujeito
A'diverſa vontade, á alheio mando,
Que remedio, meu Bem, ſenaõ chorando
Cumprir á riſca hum taõ cruel preceito?

Eis-aqui toda a origem do desgosto,
Que ao vento me faz dar suspiros tristes;
O motivo eis-aqui, porque tu vistes
Voltádo para a terra o afflicto rosto.

Pensa agora se he justo o meu tormento:
Se posso ter instantes de alegria,
Ou se a negra, e mortal melancolia
Naõ deve ser agora o meu sustento.

Mas tu choras, meu Bem? Já te inter- (neces
Da minha cruel sórte? Encanto amado,
Consente agora que aos teus pés prostrado
Os cultos te consagre, que mereces.

AONIA.

Ah Belmiro, Belmiro! Eu bem sabia
Que havias de partir; mas naõ pensava
Que taõ veloz chegasse o triste dia.

Taõ embebida em adorar-te andava;
Que, esquecida dos proprios cordeirinhos,
Só no meu Bem, em nada mais cuidava.

Po-

Porém quando patentes os caminhos ;
Me conduziaõ á maior ventura ,
Converteraõ-ſe as flores em eſpinhos.

Quando cria a bonança mais ſegura;
A tormentoſa horrivel tempeſtade
Veio quaſi cavar-me a ſepultura.

'Stou proxima a perder-te,iſto he verda- (de :
De me affligir agora naõ deſcança
O tyranno rigor d'huma ſaudade.

E até me foge a timida eſperança
De ſer mais venturoſa ; pois o Douro
Te faz perder Aonia da lembrança.

BELMIRO.

Naõ me créas , Paſtora , taõ mudavel :
Se atégora fiel pude adorar-te ,
Lá no Douro, no Tejo, em qualquer parte
Naõ me póde eſquecer teu roſto amavel.

Suſ-

Suſpiros triſtes do meu triſte peito
Comtigo viráõ ter a cada paſſo;
E o noſſo terno, e venturoſo laço
Nunca o Tempo verá roto, e desfeito.

Ás caras innocentes ovelhinhas,
Companheiras fieis nas minhas penas,
Repetirei as doces cantilênas,
Com que tu tantas vezes te entretinhas.

D'Aonia.... ſó d'Aonia o nome amado;
Eſte nome, que faz a minha gloria.
Em ſignal de que exiſte na memoria,
Scripto ſempre andará no meu cajado.

Buſcarei melancolico apoſento,
Rodeado de toſca penedia,
Para, livre de humana companhia,
Nutrir comtigo o afflicto penſamento.

Que amores naõ direi! Com q̃ ternura,
Expreſſando a paixaõ, que eſta álma ſente,
Repetindo eſtarei continuamente
Do meu conſtante peito a fé mais pura!

Tendo ſempre occupada a inquieta idéa
Nas tuas perfeiçoens encantadoras,
Nem buſcarei ſervir outras Paſtoras,
Nem ás funçoens irei da pobre Aldéa.

(cida
Mas tu, meu Bem, talvez mais eſque-
Sem te cuſtar a perda d'hum ſuſpiro
Riſcarás da lembrança o teu Belmiro,
Alegre vivirás, e divertida:

(mo;
Em quanto paſſo afflicto, em quanto ge-
Talvez... talvez nos teus mimoſos braços
Amor enleará dourados laços....
Eis-aqui, bella Aonia, o que mais temo.

AONIA.

Vês aquelle penedo levantado,
Que, inſenſivel ao raio furioſo,
Conſerva ſempre illeſo o meſmo eſtado?

Paſſa por elle o Inverno rigoroſo,
Combate-o a tempeſtade bramidora,
E coſtuma ficar victorioſo:

Aſſim

Aſſim a tua candida Paſtora,
Conſtante nos aſſaltos da deſgraça,
Será ſempre fiel ao Bem, que adora.

Se o Deſtino cruel nos ameaça,
Podêr nunca terá de ver desfeito
O ditoſo grilhaõ, que nos enlaça.

Eſte peito, Belmiro, eſte meu peito,
Que tantas vezes ſuſpirar ouviſte,
Nunca ſerá de magoas ſatisfeito.

Andarei pelos campos ſempre triſte;
Nos altos freixos lendo aquelle nome,
Que ao pé da tua Aonia lhe inſculpiſte.

E, ſem que neſta auſencia allivio tome,
Saudades chorarei junto do Tejo,
Que deſgraçadas lagrimas conſome.

Para mim ſe acabou todo o feſtejo;
E em quanto naõ te vir, Belmiro amado,
Só de exhalar mil ais terei deſejo.

E agora vás de todo ſocegado?
Inda recéas que a conſtante Aonia
Ultraje o puro amor, que te ha jurado?

BELMIRO.

Tenho ouvido contar tantos enganos,
Tanta inconſtancia, tanta aleivoſia,
Que a minha impertinente fantaſia
Receios me ſuſcita os mais tyrannos.

És Paſtora, meu Bem, e iſto he baſtante:
Tudo deve temer hum deſgraçado;
Pois mil vezes ſe ſente atraiçoado
Ainda perto, quanto mais diſtante.

Porém quero deixar loucos temores;
Naõ me quero affligir com tal lembrança;
Pois, ſe chego a encontrar huma mudança,
Me acabaõ de matar os teus rigores.

AONIA.

O Juſto Céo; que os coraçoens entende,
Caſtigue promptamente o fementido,
Que ſer perjuro, ou enganar pertende.

Seja em duro penedo convertido
Aquelle de nós ambos, que algum dia
For em perfidos laços envolvido.

B e l m i r o.

Seja embora; pois vejo-me feguro
De nunca fopportar hum tal caftigo:
E para acreditares o que digo,
Novamente conftancia eterna juro.

He tempo de deixar-te: a calva ferra
Ja fe vai entre nuvens efcondendo;
E a denfa nevoa, para o chaõ defcendo,
Começa a humedecer a fria terra.

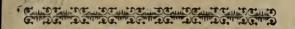
Adeos, Aonia, meu encanto amado,
Antes de me apartar d'eftes retiros,
Deixa que exhale os ultimos fufpiros,
D'hum fó gemido teu acompanhado.

Aonia.

AONIA.

Adeos, meu doce Bem, minha alegria,
Se agora fico triſte, ſem ſocego,
Vá na tua ditoſa companhia
Eſta alma, que te adora, e que te entrego.

BELMIRO.

Na auſencia ſempre firmes, e conſtantes
Contra os impulſos dos raivoſos Fados,
Seremos pelo mundo nomeados,
Como exemplo fiel dos dois Amantes.

ECLO-

ECLOGA V.

AInda o frio gêlo branquejava
Sobre as creſtadas urjes dos outeiros;
Ainda o Sol brilhante naõ dourava
Da pobre Aldéa os montes derradeiros,
Quando o triſte Jozino ja ſahia
Da empreſtada Cabana, em que vivia.

O pequeno retalho d'hum rebanho,
Que apênas lhe deixou a Sórte eſcaça,
O hia acompanhando; e era tamanho
O podêr da afflicçaõ, e da deſgraça
No peito ſem ventura de Jozino,
Que o fazia chorar o ſeu deſtino.

Che-

(rodéa
Chegando a hum fundo valle, ao qual
De penhas desiguaes a grande altura,
A violenta paixaõ, que a dôr atéa,
Neste sitio desabafar procura.
Cançados ais miudamente exhala,
Encosta-se ao cajado, depois falla:

Que culpa tens, rebanho desgraçado,
Nas tyrannas paixoẽs, que Amor ordena,
Para ser cruelmente condemnado
Do teu triste Pastor á dura pena?
Que desastrado mal tens commettido,
Para fomes soffrer, e andar tolhido?

Naõ basta que eu suspire mortalmente,
Que arqueje o afflicto peito de agonia,
Que passe as longas horas descontente,
Entregue a huma fatal melancolia?
He força que os meus males reconheças,
Porque eu padeço, que tambem padeças?

Au-

(posto

Augmenta-me a afflicçaõ o ver-te ex-
A's iras do Destino mais tyranno:
Naõ se contenta o meu cruel Desgosto
Em roer-me as entranhas deshumano;
Nisto encontrando estrago mui pequeno,
A mais estende o seu mortal veneno.

O Céo te queira dar melhor ventura,
E volte áquelle tempo affortunado,
Em que, livre a minha alma do que atura,
Occupava comtigo o meu cuidado.
Tempo ditoso, que hoje tanto invejo,
Dias, porque suspira o meu desejo!

Neste seculo d'ouro os fundos valles
Ao éco dos meus ais nunca gemiaõ,
Nem as tristes historias dos meus males
Nos lizos troncos entalhar se viaõ;
Só da mimosa Flauta os sons tirava,
Com q̃ os campos, e os montes alegrava.

(nhas
Tu; rebanho infeliz, ſempre entreti-
O livre, e ſocegado penſamento;
Cuidava em apanhar tenras hervinhas,
Viçoſo fêno, para o teu ſuſtento;
Era ditoſo: Deos me abençoava
Os dias de prazer, que entaõ paſſava.

Sendo vivo o malhado cordeirinho,
Que há pouco me morreo, a branca fronte
Lhe enramava do verde roſmaninho,
Que alegre hia colher áquelle monte.
Aſſim prezo com taõ feliz enleio,
Naõ podia encontrar melhor recreio.

Junto aò Douro paſſando a tarde inteira,
Via chegar a noite ſatisfeito,
A' Cabana voltava ſem canceira,
Que me affligiſſe o venturoſo peito.
Dormia n'huma paz affortunada,
Até ſentir a freſca madrugada.

Quan-

Quando ouvia chorar alguns Paſtores,
Nas tyrannas prizoẽs, q̃ Amor lhe urdía,
Julgava por delirio aquellas dôres,
Do ſeu martyrio nada me doía.
Porém, pobre de mim! diverſo fôra,
Se o que entaõ lhe eſcutava ouviſſe agora.

Mas aquella innocencia venturoſa,
Que eſcondia aos meus olhos a deſgraça,
Foi como a parda nuvem tormentoſa,
Que no Veraõ ligeiramente paſſa.
Cheguei a conhecer .... funeſta idéa!
D'Amor cruel a barbara cadêa.

Vós, campinas do Douro, vós me viſtes;
Entre mortaes anguſtias deſmaiado:
Mil vezes entre as hervas encobriſtes
Dos meus olhos o pranto deſgraçado:
Vós ouviſtes o ſom internecido
D'hum roto peito, já d'Amor ferido.

Acabou-ſe a ventura, a idade d'ouro;
Por ella quiz trocar (quem tal diſſéra !)
Huns olhos lindos, hum cabello louro;
Hum genio falſo, hum coração de féra:
Foi Marfida... mas ah ! que hũ ſuor frio
Sinto, quando eſte nome pronuncio !

Eſta cruel Paſtora, disfarçando
A perfida intenção, que a dominava;
E ſem temor aos meſmos Céos jurando;
Que ſó a mim, e a ninguem mais amava,
Fez-me eſquecer de tudo, e em breve eſpa-
Me encadeou no mais funeſto laço. (ço

Logo vós, cordeirinhos deſgraçados;
Triſte reſto do meu pobre rebanho,
Começaſtes a ſer deſamparados,
Conhecendo em mim hum Paſtor eſtranho:
Logo entrei a empecer a voſſa ſórte,
E a procurar a minha propria morte.

De-

Depois que vi Marfida, a Natureza
Voltou-me a linda face. Aborrecia
Dos Paſtores a amavel ſingeleza,
Naõ procurava a ſua companhia:
Mas, ſe o meu Bem naõ via, andava cégo,
Melancolico, afflicto, ſem ſocego.

Procurava a eminencia de algũ monte,
Para ver-lhe a janella da Cabana,
E muitas vezes junto á clara Fonte
Eſperava Marfida deshumana:
Quando vinha mil glorias no meu peito
Me deixavaõ contente, e ſatisfeito.

Entaõ lhe relatava os meus amores,
Dizia-lhe ternuras cento a cento;
E jurava que em meus fiéis ardores
Naõ havia o mais leve fingimento;
O tranſporte era tal, que em mim ſe via,
Que o pranto pelo roſto me corria.

Lem-

Lembra-me que huma vez internecida ;
Dos meus olhos as lagrimas limpando ,
Me chamava o ſeu Bem , a ſua Vida ;
Que , o ſemblante de graças animado,
Prometteo entre pejo , e entre temores ,
Que ſeria até a morte os meus amores.

Porém eſta promeſſa mentiroſa
Naõ me teve illudido muitos annos ;
Naõ póde a ſua traça induſtrioſa
Encerrar no vil peito os vis enganos :
A pezar do ſegredo , e da cautela ,
Graças aos Céos ! cheguei a conhecê-la.

Mal tinha quatro mezes habitado
Nas campinas do Tejo , afflicto , e triſte,
Logo quiz empregar o ſeu cuidado
No meſmo objecto , que inda hoje exiſte.
Jonio feliz , he Jonio venturoſo ,
Por quem deixou Jozino deſditoſo.

Mas

Mas, naõ contente eſta raivoſa féra
De tragar-me com hum mortal deſprezo,
Outros meios tyranna conſidêra,
Para roubar-me o bem,que eſtimo,e prézo:
Quiz-me imputar com negra aleivoſia
O meſmo crime, que em ſeu peito havia.

Chegou-me a envergonhar,lançando em (roſto
Que lhe fôra traidor, que novos laços
No Tejo me tecêraõ por meu goſto;
Finalmente, rompendo em mil pedaços
A innocente prizaõ por ella urdida,
Odios me jura altiva, e embravecida.

Vê correr inſenſivel o meu pranto,
Ouve alegre, e contente os meus gemidos;
E a ſua crueldade chega a tanto,
Que ſó tem por inſtantes divertidos
Aquelles, em que ſem algum ſoccorro
Afflicto gemo, vacillante morro.

An-

Anda, Tigre, se ainda mal contente
Do que vês, outros males me desejas,
Novos martyrios o teu genio invente,
Na ultima desgraça entaõ me vejas.
Sendo tu mesma ao meu rival unida,
Aos vossos pés acabarei a vida.

Mas aonde me leva o meu transporte?
Louco, insensato! Estou contando agora
Ao pequeno rebanho a infausta sórte,
Como que se ao meu mal sensivel fôra!
Mas nisto mesmo alcança refrigerio,
Quem soffre da paixaõ o forte imperio.

Se eu podesse tambem na rocha dura
Os males entalhar, que o peito sente,
Toda a historia da minha desventura
Sería util á vindoura gente:
Lería com horror meu triste damno,
Lucrando hum proveitoso desengano.

Ven-

Vendo hum pobre Paſtor taõ deſvelado
Em ſer firme, e fiel aos ſeus amores,
Mas ſempre afflicto, ſempre deſgraçado,
Sempre ſoffrendo barbaros rigores;
Entaõ diria: O infeliz Jozino
Bem merecia ter melhor deſtino.

Mas ſe viſſe que ainda aborrecido,
Deſprezado adorava hum peito ingrato;
Que andava em triſtes ancias ſubmergido,
Naõ me teria entaõ por inſenſato?
Ah! naõ mais ſuſpirar: infames laços,
Eu vos quebro tambem em mil pedaços.

E agora, meus Cordeiros, principío
A ter conta de vós: ſereis ditoſos:
Paſſando no curral o Inverno frio,
E do Veraõ os dias mais calmoſos:
Naõ ſoffrereis as inclemencias duras,
Que vos cauſaõ as minhas deſventuras.

Eu

Eu virei apanhar o tenro paſto ;
Para de noite eſtardes entretidos ;
E os inſtantes, que em ſer-vos util gaſto,
Naõ mais eu gaſtarei em dar gemidos :
Empregado comvoſco taõ ſomente,
Serei feliz, e vivirei contente.

A minha Flauta, que até agora eſtava
Cheia de pó no canto da cabana,
Se em quanto era infeliz nunca tocava,
Quer foſſe dia ſanto, quer ſemana,
Alegre ſoará por eſtes valles,
Em ſignal de acabar meus triſtes males.

Naõ diſſe mais Jozino: e entaõ juntando
Do ſeu gado a pequena quantidade,
Menos afflicto o guia, já ſentindo
A ſua reſtaurada liberdade.
Mas Amor, que ao pé d'elle inda voava,
Ria-ſe, e mil deſgraças lhe jurava.

ECLO-

ECLOGA VI.

BELMIRO, E MARILIA.

N'huma tarde, que a Primavera linda
Aos verdes campos, e ás mimoſas flores
Annunciava a ſuſpirada vinda;
Junto ás margens do Douro dois Paſtores,
Marilia, e mais Belmiro aſſim fallavaõ,
Em quanto o manſo gado apaſcentavaõ.

BELMIRO.

Ah! Marilia cruel, ſuſpende agora;
Suſpende por piedade a horrivel ira,
Com que feres hum peito, que te adora.

Já

Já he tempo: de tantas penas tira
Hum trifte coraçaõ, que, no tormento
Do mais funefto amor, d'amor delira.

Concorre para o feu contentamento,
Affim os Céos te façaõ venturofa,
Affim vejas teus bens em grande augmen-
(to.
Alguns fignaes de graça carinhofa,
Effes formofos olhos animando,
Lhe enfinuem que és menos rigorofa.

O teu caro rebanho mifturando
Aos meus pobres cordeiros, focegada
Confente que no campo andem paftando.

Em me vendo naõ fiques affuftada,
Nem cuides em fugir como atégora;
Pois eu féra naõ fou, Marilia amada.

Naõ fou Lobo faminto, que devora
Os tenros cabritinhos; nem ferpente,
Que impeftados venenos evapora.

Inda

Inda que seja constrangidamente,
Fórça algumas palavras, principía
A fazer venturoso hum descontente.

Darás fim aos meus ais; doce alegria,
Por ti mesma inspirada, virá logo
Expulsar-me a incançavel agonia.

Naõ sejas insensivel ao que rogo;
Dize que sentes meu amargo pranto,
Permitte ao menos este desafogo.

E se a minha ventura póde tanto,
Que hum só raio d'amor em ti divizo,
Verás, Marilia, como alegre canto,
E o teu nome adoravel eternizo.

MARILIA.

Amor . . . ! Saõ taõ funestas as idéas,
Que da sua paixaõ tenho formado,
Que, apenas fallaõ nelle, pelas véas
Sinto parar o sangue enregelado,

Sem-

Semblantes defecados, macilentos;
Olhos de verter pranto denegridos,
Coraçoens entre anguſtias, e tormentos,
Soluçando com dór roucos gemidos,

Saõ os triſtes ſignaes dos ſeus eſtragos:
Deos me livre d'Amor! ſempre o receio,
Pois, encobrindo a raiva com affagos,
Engana hum peito d'innocencia cheio.

Os letreiros, que d'antes ſe entalháraõ
Nos groſſos freixos d'eſtes arredores,
As terriveis deſgraças nos declaraõ,
Que padece o infeliz, que tem amores.

Inſpirou-me hum ditoſo deſengano
A penetrante voz deſta verdade:
Paſſo contente o dia, o mez, e o anno,
Na minha cara, e doce liberdade.

BELMIRO.

Como he grande, Marilia, a illuſaõ ce- (ga,
Que a reſpeito d'Amor injuſtamente
A mil enganos o teu peito entrega!

Entende-ſe gemer a afflicta gente;
Trazendo impreſſos no ja murcho roſto
Os miſeros ſignaes do mal, que ſente.

Porém Amor naõ he, q̃ aſſim tem poſto
No terrivel abyſmo de agonias
Eſſas victimas triſtes do Deſgoſto.

Falſidades, deſprezos, tyrannias;
Eis-aqui o tormento, que eſcurece
A Primavera dos ſeus bellos dias.

Oh! Se no Mundo nada d'iſto houveſſe;
E ſe hum objecto a outro objecto amado,
Com puro amor, amor correſpondeſſe!

Entaõ , ſendo o martyrio transformado
Em prazeres , em goſtos , em ventura ,
Naõ ſe acharia hum triſte , hũ deſgraçado.

Ora penſa, meu Bem, com mais brandura,
Deſvanece o receio , que intimida
A tua doce , e natural ternura.

Ja ouviſte a Rolinha ſempre unida
A' metade fiel rolar contente ,
Em ditoſos tranſportes embebida ?

Aqui tens o retrato ſimpleſmente
Do verdadeiro amor. Grata, e ſenſivel,
Que vivamos aſſim, meu Bem , conſente.

MARILIA.

Ainda naõ paſſáraõ muitos mezes ,
Que quando c'os Paſtores converſavas ,
Lhe quizeſſe affirmar baſtantes vezes
Que a tyranna Marilia abominavas.

Que eſcondia no disfarçado peito
Inconſtancia , vileza , atrocidade ;
Naõ podia penſar-ſe algum defeito ,
Que deixaſſes de pôr com liberdade.

He certo o que diſſeſte : tambem tenho
Hum coraçaõ em tudo atraiçoado ;
Porém nas tuas ditas eu me empenho ,
Naõ queiras ſer comigo deſgraçado.

BELMIRO.

Naõ me afflijas , Marilia ; ſe tal diſſe,
Ou me tinha eſquecido que te amava ,
Ou entaõ , meu Encanto , foi tontice.

Se mais que mil rebanhos deſejava
O bem da tua candida amizade ,
Como palavras taes pronunciava ?

Cruel te chamaria ; era verdade :
Porém aborrecer-te ! Meus amores ,
Naõ créas eſſa negra falſidade.

Ás vezes invejoſos os Paſtores,
Vendo mais venturoſa a ſórte alhéa,
Formaõ enredos com fingidas cores.

Pódes ir perguntar por toda a Aldéa,
Ninguem te ha de dizer q̃ ouvio Bèlmiro
Contra ti praticar acçaõ taõ féa.

Antes has de ſaber por quem ſuſpiro,
Que o nome de Marilia ſempre entalho
Nas arvores, nas penhas do retiro.

Que, apenas os Cordeiros agazalho;
Procurando outra vez os campos triſte,
Saudoſo pranto pelo roſto eſpalho.

Nada em fim na lembrança me perſiſte:
Só tua bella imagem, quer na Aldéa,
Quer no prado, comigo ſempre aſſiſte.

Marilia.

Eu naõ ſei ſe me fallas com verdade,
Se o que agora me dizes por mim ſentes:
Ha pelo Mundo muita falſidade,
Com que ſe enganaõ peitos innocentes.

Belmiro.

Eu juro ſobre a tua maõ nevada;
Pelos brilhantes Céos, naõ ſer fingido
O meu ſincero amor, Marilia amada.

Tu meſma quantas vezes conhecido
Tens nos meus triſtes olhos, nos meus ais
Hum terno peito da paixaõ ferido?

Mas, ſe ainda ſaõ fracos os ſignaes;
Se receas ainda que te engane,
Outras provas darei, ſe queres mais.

Marilia.

Baſta, caro Paſtor: ſe fui tyranna,
Cruel naõ ſou, o teu exemplo ſigo:
Na Paſtora, que chamas deshumana,
Encontrarás hum coraçaõ amigo.

No fundo valle, ou no elevado monte;
O noſſo gado junto deitaremos,
E vendo borbulhar a clara fonte,
Satisfeitos a tarde paſſaremos.

As mimoſas Cantigas, que fizeres,
Haõ de ſer por Marilia decoradas;
E quando a terna Cithara tangeres,
Por ella com prazer ſeráõ cantadas.

Colhendo na campina brancas flores;
Huma grinalda enlaçarei contente,
Naõ para convidar outros Paſtores,
Só para ornar do meu Belmiro a frente.

BELMIRO.

Adoravel Marilia, que mal poſſo
Com ſuffocadas vozes expreſſar-te
Da minha alma o tranſporte, e o alvoroço!

Ah! quem podéra o coraçaõ moſtrar-te!
Verias como agora agradecido
Só vive, caro Bem, de idolatra-te.

He poſſivel que veja ſuſpendido
O barbaro rigor do injuſto Fado,
E que em venturas ſeja convertido?

Embora acabe todo o manſo gado
Nas torpes garras da raivoſa féra,
Ou na enchente do rio accelerado.

Faça Inverno por toda a Primavera,
E nas colméas tenha tanto damno,
Que perca o doce mel, e a branda cêra;

Da Sórte venha o golpe mais tyranno;
Ver-me-has ſoffrer tudo ſatisfeito,
Sem que huma vez lhe chame deshumano.

Se de eterna amizade o laço eſtreito
Os noſſos coraçoens deſde hoje enlea;
Nada entriſtêça o meu ditoſo peito.

MA-

MARILIA.

Seremos ambos bemaventurados;
Imitando a firmeza dos rochedos:
Mas, Belmiro, naõ ſejaõ revelados
Do noſſo amor os intimos ſegredos.

BELMIRO.

Sou como a deſgraçada Borboleta,
Que, apenas vê do fogo a luz ardente,
Naõ póde ſocegar, vôa inquieta.

Aſſim, Marilia, tendo-te preſente,
Os olhos, os ſuſpiros, a ternura
Moſtraráõ logo o que a minha alma ſente.

Mas que importa? Se a noſſa fé ſegura
Eſtá contra o podêr do meſmo Tempo,
Naõ devemos temer a Sórte dura.

MARILIA.

Eſte dia feliz tem acabado:
Para perto de nós já ſe avizinha
O meu caro Melampo; e o manſo gado
Deixa de maſtigar a branda hervinha.

Naõ me posso deter hum só instante;
Pois receio que logo faça escuro:
O meu Cazal do teu fica distante,
E o sitio por aqui naõ he seguro.

Quando á manhã raiar a linda Aurora,
Hei de vir com o cantaro á fonte:
Hum pouco junto d'ella te demora,
Antes de conduzir o gado ao monte.

BELMIRO.

Sim, meu Bem, como vivo de adorar-te,
Á manhã buscarei a minha Vida,
Ou na fonte, ou no campo, em qualquer (parte.

Como esta noite par'cera comprida!
Nunca ha de ser a bella Madrugada
Com ancia taõ continua appetecida.

Parte, Marilia, parte descançada,
Que tambem para a Aldéa me retiro;
E, em quanto vou pensar na minha Amada,
Naõ te esqueças, Amor, do teu Belmiro.

Neste

Neſte tempo do ſerro cavernoſo
Já cahiaõ as ſombras denegridas ;
E o frôxo Sol já pouco luminoſo
Só dourava as montanhas mais erguidas.
Entaõ dividem os cordeiros ſeus ,
E dizem ſuſpirando hum terno adeos.

ECLOGA VII.

BELMIRO, E JOZINO.

A' Sombra d'huma Faia, q̃ adornava
Do noſſo Douro os campos venturoſos,
Belmiro, Paſtor pobre, deſcançava
Nos inſtantes da tarde os mais calmoſos.
Do ſitio convidado ſe occupava
Com os ſeus penſamentos amoroſos;
E aſſim via correr o claro dia,
Sem deſejar mais bella companhia.

Quando Jozino buſca fatigado
Eſte meſmo lugar, e mal conhece
O ſeu amigo caro, tranſportado
Entre abraços o coraçaõ lhe off'rece.

En-

Entaõ no verde muſgo matizado ;
Com que a vaſta campina ſe embellece ;
Sentaõ-ſe ; e pelo tempo , que inda reſta,
Fallaõ , e a ſua pratica foi eſta.

JOZINO.

Dize , caro Belmiro , que tormento
Ha mezes te conſome ? Que deſgoſto ,
Que deſgraças horriveis te tem poſto
No meio do mais negro ſentimento ?

O teu ponto he fugir deſtes lugares ,
Os montes procurar, e entre as brenhas
Dár gemidos ao vento, ſem que tenhas
Pequeno allivio em teus crueis pezares.

He hum milagre ouvir-ſe a tua Lira ;
E, quando a tanges, tanges por tal modo,
Que o ſeu cançado accento ao Mundo to-
Em lugar de prazer , triſteza inſpira. (do

Tan

Tanta mudança eſtranho na verdade ;
Naõ ſou eu ſó, tambem na noſſa Aldéa
Naõ ha peſſoa alguma , que naõ créa
Que ſoffres a maior inf'licidade.

BELMIRO.

Quem preſume que deſgraçado vivo,
Meu Jozino adorado , mal preſume ;
Pois ſe ando ſolitario, penſativo ,
He genio meu , e o faço por coſtume.

Em nada vejo a Sórte mais raivoſa
Contra o meu coraçaõ féra voltar-ſe ,
Antes ſendo , como he , taõ venturoſa ;
He certamente digna de invejar-ſe.

JOZINO.

Trazer o magro , e desbotado roſto
Sempre cheio de copioſo pranto ;
Sobre o braço encoſtado , a cada canto
Ficar horas , e horas alli poſto.

Gra-

Gravar nos altos Freixos da eſpeſſura
Nomes, que ſe repetem ſuſpirando;
Eſtár co' as meſmas penhas converſando;
Saõ eſtes os effeitos da ventura!

BELMIRO.

Tendo-me pouco, e pouco acoſtumado
Á terrivel bebida do veneno,
No que outros ſentem mal deſeſperado
Venho a encontrar allivio naõ pequeno.

Se alguns achar ſó podem amarguras
Nas douradas prizoens que Amor tecêra;
Nas que me enleiaõ, góſto mil doçuras,
Livre d'ellas, Jozino, entaõ morrêra.

Vê ſe tenho razaõ: attento eſcuta
A fiel narraçaõ dos meus amores:
Conhecerás, Paſtor, que ſem diſputa
Sou o mais venturoſo dos Paſtores.

Na

Na paz d'huma innocente liberdade,
Bom Jozino, vivi baſtantes annos,
Paſſando a minha freſca mocidade
Na triſte companhia dos Serranos.

Com taes cores pintavaõ-me a cadéa;
Com que Amor os amantes enleava,
Que, ſó em penſar nella, a minha idéa
De ſuſto, e de temor ſe horroriſava.

Os enganos contavaõ, que as Paſtoras
Occultaõ nos ſeus peitos disfarçados;
Diziaõ, que eraõ falſas, e traidoras;
Que os coraçoens tornavaõ deſgraçados.

Tal medo lhes tomei, que raras vezes
Em dia de funçaõ á Aldéa vinha;
Os montes habitando muitos mezes,
C'os meus pobres cordeiros me entreti-
(nha.

Aſſim

Aſſim paſſava, quando Amor, querendo
Que os olhos a taõ louco engano abriſſe,
Começou-me a animar, foi-me trazendo
Até onde mais claramente o viſſe.

(do!
Moſtrou-me hum dia, oh dia affortuna-
N'huma Cabana junto ao claro Douro
O admiravel ſemblante, em q̃ encerrado
Tem todos os ſeus bens, o ſeu theſouro.

Moſtrou-me huma Paſtora, que por ella
As meſmas broncas pedras ſuſpiráraõ,
Se os ſeus olhos, ſe a ſua face bella,
Como eu os vi, tambem a ver chegáraõ.

Foi Belmira ... (eſte nome he ſó baſtante
Para de gloria encher a qualquer peito!)
Foi Belmira quem vi, que fez amante
Hum livre coraçaõ, nunca ſujeito.

Foi eſta viva imagem dos Amores,
Dos Encantos, das Graças, da Belleza,
Que ateou os incendios, os ardores,
Que a minha alma feliz eſtima, e préza.

Ah! ſe ouviſſes, Jozino, a meiga falla,
Com q̃ os peitos attrahe,com q̃ os namora?
A brandos coraçoens naõ tanto aballa
Do terno rouxinol a voz ſonora.

Pois quando o amavel roſto precioſo
Se deixa ver entre as gentiz Serranas,
Parece o branco lirio mageſtoſo
No meio de viçoſas eſpadanas.

Logo a primeira vez, que pude vê-la,
Animei-me a dizer-lhe que a adorava,
Que a minha paz, q̃ o meu deſcanço a ella
Com o maior prazer ſacrificava.

Dos

Dos meus olhos os ternos movimentos
Disseraõ muito mais, e aquelle mudo
Silencio, com q̃ estive alguns momentos,
A acabou d'instruir, lhe disse tudo.

Escutou-me Belmira, ouvio piedosa
'A confissaõ da minha paixaõ terna;
E, ornando o pejo a face côr de rosa,
Pelos Céos me jurou constancia eterna.

Oh meu Jozino, que ventura a minha!
Que glorias naõ conheço de repente!
Nunca na minha vida, nunca tinha
Encontrado prazer mais eminente.

Apenas me apartei, pelos outeiros
Andava como louco de alegria:
Sobre a aréa, nas penhas, nos salgueiros
Os meus novos amores escrevia.

Belmira linda , e affavel , animando
A Lira até entaõ desafinada ,
Suspiros c'os meus Versos misturando ,
Ao som d'ella cantava a minha Amada.

Quando a via , a gostosa Primavera
Depois do triste Inverno naõ causava
Tanta consolaçaõ : para mim era
A unica estaçaõ , que desejava.

Vivia assim contente , bom Jozino ;
Mas nem sempre se póde estár contente!
E por força invisivel do Destino
Fui ver do grande Tejo a clara enchente.

O tempo , que habitei nesses lugares ,
Naõ perdia Belmira do sentido :
O desecado rosto dos Pezares
Só no Tejo por mim foi conhecido.

Mas depois q̃ voltei ao Douro amado ;
Hum golpe o mais fatal me deixa afflicto,
(Eu ſinto o coraçaõ ſobre-ſaltado ,
Quando neſta deſgraça hoje medito !)

Logo buſco o meu Bem, buſco Belmira;
Allivio quero dar a hum peito amante :
Que encontro ineſperado ! raivas , ira
Andaõ girando no cruel ſemblante.

Infiel me noméa , chama ingrato
Meu grato coraçaõ ; diz-me que adore
Da belliſſima Aonia o ſeu retrato ,
Que por ella ſaudoſo gema , e chore.

(no:
Naõ ſe póde encontrar mais duro enga-
Vós , areas do Tejo , vós bem viſtes
Que, ſem no peito haver outro algũ dãno,
Suſpirando verti lagrimas triſtes.

Ain-

Ainda hum penedo levantado,
Se o tempo rijas penhas naõ confome,
Vós podereis moftrar, por mim gravado,
Naõ d'Aonia, mas de Belmira o nome.

Alguns dias tyranna me affligia;
Denegrida traiçaõ lançando em rofto:
Vinha a manhã, a tarde, anoitecia,
E eu lutando com o mortal desgofto.

Mas os Céos, q̃ protegem a innocencia,
Moftráraõ claramente a falfidade;
E hum crime, q̃ era crime na apparencia,
Da Paftora alcançou prompta piedade.

Amaveis fentimentos de ternura
Vem procurar Belmira agoniada;
Bem como a tormentofa noite efcura
Bufca a ferena luz da madrugada.

Fizemos mais ſolemee o juramento,
Que os noſſos coraçoens agora enlaça,
Promettemos ſoffrer qualquer tormento,
Ser fiéis nos combates da deſgraça.

Vi entaõ acalmar a afflicçaõ triſte;
Que dentro das entranhas me fervia;
Deſde entaõ neſte peito nada aſſiſte
Mais q̃ a conſtancia,amor, goſto, e alegria.

Agora naõ invejo alguns Paſtores;
Que apaſcentaõ rebanho numeroſo:
Se conſtantes achar os meus amores;
Sou mais rico Paſtor, ſou mais ditoſo.

Famintos coraçoens embora alcancem
A riqueza, que encerra o Tejo,e o Douro,
Ainda que ſou pobre, em vaõ ſe cancem,
Naõ podem exceder o meu theſouro.

Aſſim,

Aſſim, Jozino amado, eſtou contente
Nos ferros do meu doce captiveiro,
Naõ tenho gordas rezes, que apaſcente;
Porém naõ temo o Lobo carniceiro.

Quando o eſpaçoſo Douro corre cheio,
Turvas trazendo as ſuas aguas claras,
Na Cabana me abrigo, naõ receio,
Que me inunde as devezas, e as ſeáras.

Se faz calma, procuro a freſca praia,
E alli reſpira o meu amante peito;
Ou a ſombra procuro d'eſta Faia,
Aonde paſſo a tarde ſatisfeito.

He verdade, que gemo nos retiros;
Que ás vezes corre o pranto pelo roſto;
As lagrimas porém, e eſtes ſuſpiros
Saõ ſuſpiros, ſaõ lagrimas de goſto.

A mi-

A minha Amada ſabe compenſallas:
Hum meigo riſo, hum doce olhar divino,
Ternos affectos, carinhoſas fallas;
Iſto quanto naõ val, caro Jozino?

Olha pois ſe haverá Paſtor ditoſo,
Que com Belmiro poſſa comparar-ſe;
E ſe o meu captiveiro venturoſo
Naõ he feliz, e digno de invejar-ſe:

JOZINO.

Quando te ouço goſtoſo eſtar contando
As deſgraças do teu deſtino fero,
Encho-me de pezar, e conſidero,
Ou que deliras, ou que eſtás ſonhando.

(re

Pobre Belmiro! Ah quanto mal diſcor-
Quem tyrannas paixoens ſoffre animoſo!
Feliz ſe chama, chama-ſe ditoſo,
Ao meſmo tempo que d'anguſtias morre.

Se disseſſes que incendios conſumiraõ
A ruſtica Choupana, que te cobre;
Que o teu çurraõ, que o teu cajado pobre
A cinza os ſeus eſtragos reduziraõ.

Que duas brancas rezes, que eſcapáraõ
Da manada, que tinhas algum dia,
No meio do regato, que corria,
Ambas ao meſmo tempo ſe affogáraõ;

Facilmente te crera: mas querer;
Moſtrar ventura na paixaõ d'amor,
Cuſta o meſmo, que em fogo abrazador
Hum pedaço de neve converter.

Por meus peccados, tenho já ſoffrido,
Tempo triſte, e infeliz! grilhoẽs tyrannos;
Mas por força de ſantos Deſenganos
Vivo ao antigo bem reſtituido.

Poſſo,

Poſſo , por exp'riencia, aconſelhar-te ;
Do teu erro moſtrando certo o indicio ,
Para que fujas eſte precipicio ,
Aonde ſem temor corres lançar-te.

Eu conheço Belmira claramente,
Sei que he bella, que as encarnadas roſas
Naõ ſaõ taõ lindas , ſaõ menos viſtoſas,
Quando lhe cingem a nevada frente.

Mas quem dirá q̃ aquelle amavel roſto
No peito encerra negros ſentimentos ?
Que em cauſar aos mortaes mortaes tor-
Funda as ſuas delicias,e o ſeu goſto?(mẽtos.

(dade,
Pois, bom Paſtor,naõ minto,iſto he ver-
E o meſmo affirmaraõ por toda a aldéa,
Que Belmira tem vozes de Seréa ,
Excedendo d'hum Tigre a crueldade.

Se queres ſer ditoſo, foge, foge;
Mais que da mordedura de Serpente:
Eu te ajudo a quebrar a vil corrente;
Eſta louca paixaõ ao mar ſe arroje.

Quando foſſe poſſivel que as Paſtoras
A qualquér naõ fizeſſem deſgraçado,
Sem duvida com eſta ao teu eſtado
Podias grangear triſtes melhoras.

BELMIRO.

Se lhe ouviſſes, Paſtor, os juramentos,
Que cheia de ternura me tem feito,
Terias mui diverſos penſamentos,
Facilmente mudáras de conceito.

Naõ virias na minha paz tranquilla
Eſpalhar as ſementes do veneno;
Pois o amante fiel ſempre vacilla
Á viſta do receio mais pequeno.

JOZINO.

O meſmo, que tu dizes, me diſſeraõ,
Naõ ha muito, Paſtores deſgraçados,
Que, vivendo tambem preocupados,
Os ferros de Belmira já ſoffreraõ.

Eu cuido que nas brenhas dos retiros
Ainda ouvir ſe pódem ſeus lamentos!
Ah! tira, tira uteis documentos
Da alhea dôr, dos ſeus mortaes ſuſpiros.

(nho,
Qualquer d'eſtes te excede em ter reba-
Em ſer deſtro na luta, em ſaber dança:
E onde firmas a tua confiança,
Se nada ſabes, ſe naõ tens hum anho?

(lhando
Que importa andar nos troncos enta-
O nome de Belmira? que aproveita
Gemer por ella, ſe affectada acceita
Os ais, que eſtás inutilmente dando?

BEL-

BELMIRO.

Ah Jozino cruel ! cruel Jozino !
Em lugar de aos meus males pores termo;
E em vez de ſuavizar o meu deſtino,
O alegre peito ſinto agora enfermo.

(de,
Naõ tenhas, naõ, por mim tanta pieda-
Deixa-me antes viver no meu engano;
Pois a quem aborrece a liberdade
De que ſerve hum funeſto deſengano ?

Porém . . . . cégo temor! louco receio !
Em nada vejo ingrata a minha ſórte ,
Belmira me he fiel : o amante enleio ,
Que nos enlaça , naõ o rompe a morte.

JOZINO.

Eſtá feito , Belmiro ; ſegue embora
Teus errados caminhos : vai contente
Jurar eternos votos novamente
Junto d'eſſa terniſſima Paſtora.

Inda

Inda tempo virá, que, de contino
Chorando a tua negra desventura,
Te lembrem sem remedio, sem ter cura
Os saudaveis conselhos de Jozino.

Assim fallavaõ: quando os passarinhos
Junto aos copados Cedros revoavaõ;
Huns pelos ares, outros nos seus ninhos
Canticos de saudade concertavaõ:
Unidos os malhados cordeirinhos
O seu Pastor fiel 'sperando estavaõ:
Era chegada em fim a noite escura,
Eis-que hum, e outro o seu Cazal procura.

ELIZA.

O Frefco orvalho, que já vem cahindo
No tremulo falgueiro,
Que o meneio d'hum Zefiro ligeiro
Agíta, eftá bulindo,
Defperta o rouxinol melodiofo,
Que fefteja a manhã terno, e faudofo.

Ah! nem tanto dormir!
Acorda, Eliza amada,
Anda goftar o encanto
Da frefca madrugada.

Já ao longe apparecem no Horizonte
Diamantinos raios;
Já fe percebe o Sol entre defmaios
No elevado monte;
As nuvens, d'ouro, e purpura veftidas,
Se aviftaõ entre fombras efcondidas.

An-

Anda abrir, preguiçosa,
A rustica janella;
Verás entaõ, Eliza,
Nascer a Aurora bella.

Do colmado jazigo mastigando
Vem malhados bezerros:
Apôs d'elles c'os camponezes ferros
Alegre caminhando,
Os segue o Lavrador. O tenro filho
Vai tangendo o pacifico novilho.

Dos teus formosos olhos
Sacode o somno brando:
Olha, Eliza, que he dia,
E o gado está ballando.

Ao grato som das ondas pratêadas
O Pescador cantando,
Prepara as redes; e o batel largando
Das mortas enseadas,
Rompe os mares com gritos de alegria;
Faz immalhar a branca pescaria.

Va-

Vamos, amado Bem,
Ver as redes tirar;
Vamos á frefca praia
Contentes refpirar.

Mas a porta da ruftica Choupana
Ainda eftá fechada?
Talvez que tenha agora reclinada
A face foberana!
Aquella cruel arvore fombria
Impede entrar mais cedo a luz do dia.

Dura inquietaçaõ!
Quem poderei achar,
Que á minha preguiçofa
Poffa ir acordar?

Ao leito do meu Bem vôa contente,
Zefiro buliçofo,
E as emplumadas azas carinhofo
Sacode brandamente:
Frias gôtas de orvalho criftalino
Salpiquem o femblante peregrino.

Di-

Diante de ti leva
Aos meus caſtos amores
As volantes folhinhas
Das engraçadas flores.

E, em volta do ſeu roſto bafejando
Imagens gracioſas,
Far-lhe-has abrir as palpebras formoſas;
O ſomno affugentando:
Deita-lhe meſmo a ſimples veſtidura,
Naõ me tarde mais tempo eſta ventura.

Oh venturoſos campos,
Que encantos reſpirais,
Sem a minha Paſtora,
Vós nada me alegrais!

IDILIO.

IDILIO.

EM quanto as ſuas manſas ovelhinhas
Paſtavaõ na ribeira
As verdes, infructiferas hervinhas;
Junto d'huma eſcarpada ribanceira
Cantavaõ docemente
Dois Paſtores ao ſom da clara enchente.

BELMIRO.

Divina Primavera, as tuas flores
Na relva entrelaçadas,
Como a minha Paſtora, os meus amores,
Naõ ſaõ taõ engraçadas.

JOZINO.

Divina Primavera, a tua vinda
Nunca me alegra tanto,
Nem me tranſportá, como a face linda
De Tirſe, o meu encanto.

BELMIRO.

Quando vejo pular no verde prado
O cordeiro innocente
Em torno da Mãi cara, o meu cuidado
Doces prazeres ſente:
Porém, ſe do meu Bem no claro peito
Demoro a frôxa viſta,
Sinto no coraçaõ dobrado effeito,
Por mais que lhe reſiſta.

JOZINO.

O terno ſom da placida corrente;
Que, atravéz da eſpeſſura,
Por entre mil ſeixinhos brandamente
Eſcapando murmura; (dos,
Tanta impreſſaõ naõ faz nos meus ſenti-
Tanta graça naõ tem,
Como ardentes ſuſpiros, deſpedidos
Da bocca do meu Bem.

BELMIRO.

Na calmofa Eftaçaõ a planta verde
Inclinando-fe chora:
O campo matizado as cores perde;
Que pintou linda Flora:

Vem o afpero Inverno; ao manfo gado
Faz cerrar nos curraes,
E lentamente cobre o fecco prado
De frigidos criftaes.
Mas depreffa a rifonha Primavera
Anima a trifte planta:
O terno Rouxinol na frefca hera
Os feus amores canta.

Affim eu, que da longa, e dura aufencia
Soffrendo o activo effeito,
Saudades me defmaiaõ, e com violencia
Sufpira o firme peito.
Mas de Marilia a amavel companhia,
Como a bella Eftaçaõ,
Efpalha mil tranfportes de alegria
No afflicto coraçaõ.

JOZINO.

Fóra do pobre ninho andaõ voando
Alegres passarinhos,
Com cuidado sustento procurando
Para os caros filhinhos.

D'hum ramo a outro ramo diligentes
Voaõ, e com destreza
Os bichinhos caçando, vaõ contentes
C'o a sua debil preza:

Da mesma sórte os tristes olhos deito
Pela vasta Campina;
Se nella Tirse encontro, satisfeito,
O prazer me domina.

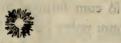
BELMIRO.

Campos, Choupanas, gados numerosos,
E quanto o Douro cria
Que Marilia saõ menos preciosos,
Naõ tem tanta valia.

Jo-

JOZINO.

Roſas, lirios, papoilas, quantas flores
Anima a Natureza,
Como a formoſa Tirſe, os meus amores,
Naõ tem tanta belleza.

Aſſim cantavaõ; quando a ſombra féa
O prado eſcurecia;
As manſas rezes juntaõ,, e da Aldéa
O caminho tomando em companhia,
Contentes vaõ ſahindo,
O pacifico gado conduzindo.

EPIS-

EPISTOLA I.

Os dias, que aqui paſſo Jonio amado,
Saõ ſec'los : o que faz hum duro eſtado!
Pois nunca ſe moſtrou a minha Aldéa
Taõ deſabrida, e féa.
Por toda a parte a morta Natureza
Me repreſenta imagens de triſteza ;
E em cada objecto o afflicto penſamento
Eſtá nutrindo o ſeu mortal tormento.
Vivo ſem goſto, ſem prazeres paſſo,
E ſó com ſuſpirar me ſatisfaço: (abrigo
D'hum pobre, e humilde tecto ao triſte
Sopporto, caro Amigo,
O tyranno rigor do meu deſtino :
Mil vezes cada dia me amofino,
Penſando no abyſmo deſgraçado,
Em que me conſidero ſepultado.

Naõ

Naõ tenho quem console a minha sórte,
Quem a minha alma languida conforte:
Apenas alguns rusticos Vaqueiros,
Em todos os seus tratos bem grosseiros,
Esta choça frequentaõ, (taõ.
E em vez de allivio darem, me atormen-
Hum me conta q̃ ha perto de dous mezes
Faltaõ no seu rebanho sette rezes;
Outro diz que está boa a semeadura,
Que teremos hum anno de fartura;
Assim d'esta maneira
Comigo passaõ quasi a tarde inteira.
Porém se fico só alguns momentos,
Com que ternos, saudosos pensamentos
Vivo entaõ entretido!
Ah! meu Jonio querido,
Quem podéra pintar-te a propria scena,
Sem renovar no peito a dura pena!
Da bella Eliza os annos saõ chegados:
E eu por meus peccados
Nem sequer hum só Verso tenho feito:

Ve-

Verei ſe deſde agora lhe endireito
Ao menos hum Soneto.
Eſpero, que tambem o teu affecto,
E o dos noſſos Paſtores
Applaudaõ neſte dia os meus amores.
Agora, Jonio caro, fica certo
Que na Aldéa, onde habito, no deſerto,
Em que eſtou embrenhado,
Só terá por allivio o meu cuidado
A noticia fiel da tua ſórte.
Da incançavel Deſgraça o duro corte
Entaõ me cahirá mais brandamente.
Em fim, Jonio feliz, ſerei contente,
Meſmo neſte retiro,
Vendo-te inda lembrar do teu Belmiro.

EPIS-

EPISTOLA II.

QUando já me penſava ſepultado
Do Deſprezo infeliz no abyſmo feio,
Sem ter noticias do meu Jonio amado;

D'huma pura amizade doce enleio,
Os teus Verſos, vieraõ de repente
Deſvanecer meu timido receio.

Sei que ainda me eſtimas, e que auſente,
Apezar da diſtancia, que medéa,
Te lembras de quem te ama ternamente.

Porém entre o prazer, que me rodéa,
A tua ſórte, pouco venturoſa;
Mil afflicçoens no peito me ſeméa.

Eu maldigo a Deſgraça monſtruoſa,
A Deſgraç cruel, que naõ deſcança,
Sem affligir huma alma virtuoſa.

Mas,

Mas, adorado Jonio, haja eſperança:
Depois da tempeſtade bramidôra
Coſtuma vir hum dia de bonança.

Dos triſtes o deſtino ſe melhora,
Quando menos ſe penſa: n'hum momento
Diverſo pódes ſer do que és agora.

Se da alhéa Cabana o pavimento
Te agazalha, te ſerve de jazigo,
E naõ tens qualquer ruſtico apozento;

Se naõ encontras coraçaõ amigo,
Que, movido das tuas agonias,
Pertenda ſuavizar o teu perigo;

Inda amanheceráõ alegres dias,
Em que, poſto n'hum mais ditoſo eſtado,
Os Paſtores te façaõ cortezia.

Se tambem te imaginas deſgraçado,
Deixando-te a Infiel, que idolatravas,
Louva os Céos, niſſo foſte affortunado.

Lou-

Louco d'amor por ella ſuſpiravas,
Chegaſte-a a conhecer; és venturoſo;
Deſpedaça as cadéas, que arraſtravas.
(forçoſo,
Naõ chores, naõ, perdendo hum mal
Que huns matadores olhos te forjavaõ,
Nem por iſſo te chames deſditoſo.

A ſolidaõ, a gruta, onde ſoavaõ
Teus ais cançados, languidos gemidos;
Naõ ouçaõ mais as queixas, q̃ eſcutávaõ.

Buſca os campos de flores reveſtidos,
Louva da Natureza as bellas Graças,
E terás em ſocego os teus ſentidos.

Do dia as horas ſer-te-haõ eſcaſſas;
Mas, ſe amas outra vez o ingrato objecto,
Sempre o meſmo ſerás, por mais q̃ faças.

Por goſtar dos teus Verſos, os remetto
Á encantadora Eliza, e tambem mando
Na ſua companhia hum meu Soneto.

Ago-

Agora, bom Paſtor, continuando
Em me contar as tuas aventuras,
Irás o meu deſtino alliviando,
Encherás eſte peito de venturas.

EPISTOLA III.

NAõ devem, caro Armindo, as tem-(peſtades
Deſanimar o affouto Marinheiro:
Cobrem-lhe a Náo as ondas empoladas,
A tormenta lhe quebra os altos maſtros;
Vê mil vezes o roſto á féra Morte,
Antes que poſſa vêr o alegre porto,
Aonde a ambiçaõ céga o leva, o arraſta;
O Lavrador ſincero raſga os campos,
E ſobre a terra eſpalha a ſementeira;
Incançavel ſopporta o Sol ardente,
A chuva, a tempeſtade, o frio, a neve.
An-

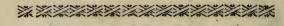
Antes de recolher o doce fructo
Das ſuas eſperanças.
O miſero Soldado, entre clamores
Da horroroſa, mortal artelharia, (ros;
Empunha a férrea eſpada, aſſalta os mu-
Salpica o duro chaõ c'o proprio ſangue,
Antes que volte, cheio de triunfos,
Gozar na cara Patria
Do ſeu valor o premio, e a recompenſa.
E ſe he verdade tudo, quanto digo;
Que eſperanças, que alegres eſperanças
Naõ devem ter agora os teus trabalhos?
Se diſtante da Patria tens vivido,
Se deixaſte ſaudoſo os doces lares,
Nem ſempre ha de durar eſte deſterro.
A Fortuna ſe moſtra ora riſonha
Aos olhos dos mortaes, ora raivoſa,
Atégora lhe viſte máo ſemblante,
Daqui a pouco tempo o verás grato.
Naõ te cauſe triſteza o vil deſprezo,
Com que alguns inſenſatos te maltrataõ,

Á

A huma alma, que a Razaõ illuſtre anima,
Longe de a offender, cauſa piedade.
Lí a tua Elegia:
E inda que nella vejo retratados
Freſcos ſignaes da tua viva mágoa,
Eu naõ poſſo deixar de conſolarme.
Marſia, a formoſa Marſia, que algum dia
Das tuas Cançoens era o terno objecto,
Agora a vejo ſer dos teus gemidos. (doſo,
Que importa, Armindo! Louva o Céo pie-
Abençóa os tormentos, que padeces:
Se ainda brotaõ ſangue as vivas chagas
Do coraçaõ ferido,
A meſma tyrannia d'eſſa ingrata,
Para as curar depreſſa,
Ha de ſer o remedio mais ſaudavel.
Foge, ditoſo Armindo,
De reunir a miſera cadéa:
Inda a preço de lagrimas baſtantes,
Conſerva a reſgatada liberdade.
A riſonha, florida Primavera

Co-

Começa a embellecer a noſſa Aldéa :
Já n'huma deſtas tardes junto ao rio
Dous rouxinoes cantavaõ docemente :
Lembraraõ-me os inſtantes precioſos ,
Que neſte meſmo ſitio ,
Eſcutando-os , paſſavamos contentes.
Tu ſabes as bellezas , que eſte tempo
Pelos campos ſemea :
Deixa, Armindo, os eſtrondos da Cidade;
Vem goſtar as delicias da Amizade.

AOS

AOS ANNOS
DE ELIZA.

BELMIRO.

Porque deixas, Liceo, na ruiva aréa
Encalhado o Batel, e, em calmaria
Spraiando o claro mar, vens ter á Aldéa
Sem ambiçaõ da branca peſcaria?

LICEO.

Naõ he motivo eſtranho, o q̃ me obriga
A deixar hoje a miſera fadiga:
Tu ſabes que eſte dia affortunado
He aos doces prazeres conſagrado.

BELMIRO.

Certamente: na Aldéa ſe reſpira
Hum ſincero, e geral contentamento;
Todos eſtaõ cantando ao ſom da Lira
A memoria d'hum fauſto naſcimento.

LI-

LICEO.

Hontem, que o largo mar irado eſtava,
E as ondas furioſo encapelava,
Singelo ſacrificio já diſpondo,
Rudes, pobres cantigas fui compondo.

Da alegria, em que fallas, ſaõ naſcidas,
E ao ſeu objecto, a Eliza dirigidas.
Ouve-as, Paſtor, e já que diſto entendes,
Antes que as cante, quero que as emendes.

BELMIRO.

Goſtoſo eſcutarei, Liceo amado,
D'eſſe genio fecundo o raro effeito:
E em ouvindo o teu Plectro ſublimado,
Sentirás palpitar meu terno peito.

LICEO.

Sentemos-nos na margem d'eſte rio,
Que a dizellas, Belmiro, principio.

Attende agora
Hum Peſcador,
Ó Mãi d'Amor,
Filha do Mar.

Nas creſpas ondas
Erguendo a frente,
Divinamente
Vem-me inſpirar.

Eu te prometto
Duas Rolinhas,
Brancas Pombinhas
Sacrificar.

De ruivas conchas
Muitos milhares
Os teus altares
Iraõ ornar.

Buzios torcidos
De parda cor
Ao teu Amor
Hei de apanhar.

Ah!

Ah ! Vem , naõ tardes,
Empunha' o Sceptro ,
Meu rude Plectro
Corre animar.

Hojé naõ louvo
Altos Serranos ,
Huns faustos annos
Quero cantar.

Ó bella Deoza ,
He huma Pastora ,
A quem adora
O mesmo Mar.

Elizá amavel ,
Das Graças filha ,
A maravilha
Deste lugar.

Eu a retrato
Com cor fiel ,
Se o meu pincel
Naõ desmaiar.

He quaſi louro
O ſeu cabello,
Cuſta abrangello,
Ao pentear.

Tem lindos olhos
Da cor dos Céos,
Ganhaõ tropheos
N'hum ſó olhar.

Nas brancas faces
Lizas, formoſas,
Vermelhas roſas
Podem-ſe achar.

Saõ os ſeus beiços
De coral fino,
Que o Deos menino,
Corre beijar.

No caſto ſeio
De neve pura,
A Formoſura
Vai repouzar.

Todo o mais corpo
He taõ bem feito,
Que hum ſó defeito
Naõ ſe ha de achar.

Eu te abençóo,
Ó Natureza,
Que eſta belleza
Chegaſte a dar.

Feſteje o dia,
Em que naſceo
A Terra, o Céo,
O fundo Mar.

Deixem as redes
Os Peſcadores,
E os ſeus louvores
Venhaõ cantar.

BELMIRO.

Ah! Liceo! quem podéra o teu engenho
Imitar! Quem compor assim podéra!
Porém de nada val o gosto, e empenho,
Quando se tem mui rude, e curta esfera!

Eu tambem ao prazer, q̃ hoje se sente,
Cantigas fiz do bello ornato nuas:
Ouve-as, ellas naõ prestaõ certamente:
Feliz de mim se soffrem como as tuas!

Formosa Eliza,
Pastora bella,
Do campo flor,
Do Céo estrella.

Tu, que és a causa
De tanto gosto,
Volta ao meu canto
Sereno o rosto.

Es-

Eſcuta hum pouco
A branda Lira ,
E o Eſtro pobre ,
Que Amor inſpira.

Se der cantando
Alguns gemidos ,
Perdoa , Eliza ,
Fecha os ouvidos.

Quem principia
Triſte a cantar ,
Acaba ás vezes
A ſuſpirar.

Para que a minha
Voz mais levante ,
Os olhos fito
No teu ſemblante.

Tempo, que gaſtas
Thronos , Grandezas ,
Tu naõ deſtróes
Tantas bellezas.

Quando hum Paſtor
Triſte lamenta,
Qual penha bronca,
Ouve a tormenta.

Cauſa deſgoſto,
Tanta aſpereza
Andar unida
A tal belleza.

Teimoſa Sorte,
Se alguem podéra
Tornalla branda,
E menos féra!

Teria em paga,
Do meu theſouro
Dois favos cheios
Do mel mais louro.

Da minha fraca,
Pobre manada,
Huma rez branca,
Ou bem malhada.

Darîa mais
(E iſto aſſeguro)
Hum grande tarro
De leite puro.

Redondas nozes
Tambem daria ;
Tudo o que tenho
Off'receria.

Formoſa Eliza ,
Ah! por piedade ,
Perdoa a minha
Temeridade.

Já me occultava
O meu penar ,
Que hoje naõ devo
Queixas formar.

Mas ſó pedir
Aos Céos Sob'ranos
Que felicitem
Teus fauſtos annos.

LICEO.

Agora, bom Paſtor, vamos depreſſa;
Que o feſtejo na Aldéa ſe começa.
As cantigas, que aqui já dito temos,
Na preſença de Eliza cantaremos.

BELMIRO.

(ſos,
Vamos, Liceo; e os juſtos Céos piedo-
Queiraõ fazer, (tornando-a menos dura)
Que eſſes teus Verſos ſejaõ mais ditoſos,
E que tenhaõ q̃ os meus melhor ventura.

QUA-

QUADRA.

Atira, Cupido, atira,
Atira já livremente;
Fere-me aquella ingrata,
Mata-ma já de repente.

GLOZA.

SObre o braço reclinada
Dormindo eſtá: Deos d'Amor,
Do teu cruel paſſador
Afía a ponta dourada:
N'hum brando ſõno engolfada,
Que o ſentimento lhe tira,
Nem ſequer o ar reſpira....
Que opportuna occaſiaõ;
Prepara o duro farpaõ;
Atira, Cupido, atira.

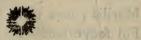
Atira

Atira . . . . Mas que embaraço
Te fez o corpo tremer?
Sem alguma força ter
Cahe languido o rijo braço!
Animo, Amor: ferreo laço
Abranja o punho inclemente,
Aqui meſmo, de repente
Sinta o peito empedrenido,
Que o Deos d'Amor offendido
Atira já livremente.

Sinta, que os teus paſſadores
Raſgaõ a penha mais dura,
Que da altiva formoſura
Saõ teus ferros vencedores.
Que Vaſſallos, e Senhores
Te rendem ſubmiſſaõ grata:
Mas para que ſe dilata
Hum triumfo, huma victoria?
Vai alcançar tanta gloria,
Fere-me aquella ingrata.

Quen-

Quente ſangue inda fumando
A fria terra ſalpique,
Anarda deſde hoje fique
Groſſas prizoens arraſtando.
Mas, ſe aſſim meſmo, zombando
Contra o teu braço potente,
Moſtrar a Ingrata que ſente
No peito impia crueldade,
Entaõ naõ haja piedade,
Mata-ma já de repente.

QUA-

QUADRA.

Ouvindo a Razaõ ſagrada,
Vi teu genio enganador:
Acabaraõ-ſe os gemidos,
Ah! naõ mais, naõ mais amor.

GLOZA.

Qual enfermo delirante
Com a febre anguſtiado,
Aſſim tinha neſte eſtado,
Marilia, meu peito amante.
Fui ſopportando conſtante
A chãma deſeſperada;
Mas a paixaõ taõ pezada
Ganhando rancor, e tédio;
Para tudo achei remedio,
Ouvindo a Razaõ ſagrada.

Eſ-

Eſcutando-a, de repente
Alcancei conſolaçaõ,
Prazer, que o meu coraçaõ
Venturoſo agora ſente.
Junto d'ella claramente
Conheci teu falſo amor:
E gelando-ſe de horor
O ſangue nas proprias véas,
Practicar mil acçoens féas
Vi teu genio enganador.

Cuſtou-me, fallo a verdade,
Horas de melancolia
A tyranna alleivoſia
Da tua infidelidade.
Porém, tendo em liberdade
A força dos meus ſentidos,
Teus proteſtos fementidos
Riſquei do meu penſamento,
Marilia deitei ao vento,
Acabaráõ-ſe os gemidos.

Li-

Livre agora da tormenta,
  Em que me vi ſoçobrado,
  Eſquecendo o mal paſſado,
  Doce ventura me alenta.
  Nem já mais ſe repreſenta
  A idéa do teu rigor:
  Porém, tendo inda temor
  De tornar a padecer,
  Nunca mais Marilias ter,
  Ah! naõ mais, naõ mais amor.

QUA-

QUADRA.

Triſtes enganos do Mundo,
Já he tempo de acabar:
Dos homens a variedade
Me fez já deſenganar.

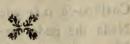
GLOZA.

JÁ ſem fructo, em vaõ ſe cança
A ingrata, infiel Paſtora:
O meu peito em cada hora
Mil deſenganos alcança.
Na fantaſtica eſperança
Inſenſato naõ me fundo:
Conheci que do jucundo
Roſto ſeu a perfeiçaõ,
Que os attractivos ſó ſaõ
Triſtes enganos do Mundo.

Por ella dava gemidos,
Que todo o campo atroavaõ,
Na Aldéa naõ ſe encontravaõ
Exceſſos mais repetidos.
Com mirtho os jaſmins tecidos
Seu cabello hiaõ ornar:
Sempre andava a publicar
De Marilia a formoſura;
Porém huma tal loucura
Já he tempo de acabar.

Foi notoria a aleivoſia,
Que encerrava no vil peito:
Logo pude ver desfeito
O grilhaõ, que nos prendia.
Já vivo . . . quem tal diria!
Na goſtoſa liberdade;
Diga embora a mocidade
Que ſer conſtante naõ pude;
Que em taes caſos he virtude
Dos homens a variedade.

Inda

Inda Marilia penſava
 Vibrar agudos farpoens;
 Inda forçadas priſoens
 A infiel me preparava.
 O veneno, que occultava,
 Entaõ vim a penetrar:
 Ainda temi quebrar
 D'Amor a dura cadéa;
 Mas em fim huma acçaõ féa
 Me fez já deſenganar.

QUADRA.

Se entre nós até morer
Naõ há de haver uniaõ,
Eu naõ quero viver mais,
Mata-me por compaixaõ.

GLOZA:

MArilia, quando hontem vi
Amor no teu lindo rofto,
Logo, cheio de defgofto,
Olhar-me irado o fenti.
Coalhou-fe o fangue, tremi,
Nada lhe pude dizer:
Mas ao depois quiz faber
Se queria eftár comigo,
Se taõ fómente comtigo,
Se entre nós até morrer.

Lou-

Louco, me reſponde Amor,
Deſvanece os teus intentos;
Pois taõ altos penſamentos
Saõ dignos do meu furor.
E's hum ruſtico Paſtor,
Creado na ſolidaõ;
Marilia de perfeiçaõ
Tem partes celeſtiaes,
E entre peitos deſiguaes
Naõ há de haver uniaõ.

Ah, cruel! entaõ gritei,
Tu ſó me pódes matar,
Naõ me querendo enlear
Ao coraçaõ, que alcancei.
Mas ſe a tua infame lei,
Se os teus decretos fataes
Naõ ſe abrandaõ com meus ais,
Da-me a morte deſaſtrada;
Pois perdendo a minha Amada;
Eu naõ quero viver mais.

De-

Depois de me reſponder
Mil injuſtos deſenganos,
Nos teus olhos ſoberanos
Foi-ſe o Cruel eſconder.
Sim, Marilia, ſe hás de ter
Taõ ferino coraçaõ,
Antes no meu peito entaõ
Enterra hum duro punhal,
Evita-me o maior mal,
Mata-me por compaixaõ.

QUA-

QUADRA.

Os olhos da minha Amada
Mais que todos lindos saõ :
Em tudo he agradavel ,
He formosa sem senaõ.

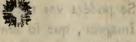
GLOZA.

QUando a minha bella idade
Na pobre Aldéa passava ,
Rindo-me d'Amor , cantava
Os gostos da liberdade.
Do cégo Deos da impiedade
Naõ temia a farpa hervada :
Como penha inanimada
Aos seus tiros resisti ,
Até o instante , em que vi
Os olhos da minha Amada.

Apenas pude encontrar
Huma viſta enternecida,
Qual Rolinha, que he ferida,
Entrei logo a deſmaiar.
Ouvia-ſe palpitar
O vencido coraçaõ:
Naõ cauſem eſpanto, naõ,
Effeitos taõ repentinos;
Pois os ſeus olhos divinos
Mais que todos lindos ſaõ.

Na loura trança ſe vem
Brincar traveſſos Amores;
Do pejo as amaveis cores
Ornada a face lhe tem.
O Rizo, a Graça, o Deſdem
A fazem mais eſtimavel:
O ſeu genio incomparavel
He centro de perfeiçoens,
Prende, encanta os coraçoens,
Em tudo he agradavel.

Ah,

Ah ! mortaes ! a Mãi d'Amor
Inveja os encantos ſeus ;
Vai altos nobres trofeos
Aos ſeus pés rendida pôr.
Eſta Ninfa he ſup'rior
A qualquer comparaçaõ :
Se póde haver perfeiçaõ,
Que naõ tenha algum defeito ;
Só a que vive em meu peito
He formoſa ſem ſenaõ.

MOTE.

A lembrança do paſſado
Infunde melancolia.

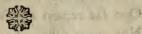
GLOZA.

DE que ſerve ter gravado,
No meu triſte penſamento
O noſſo contentamento,
A lembrança do paſſado?
De que ſerve, ſe acabado
Vejo o bem, que poſſuia?
Quanto mais feliz ſeria,
Se podéra ver riſcada
Imagem, que ſo lembrada
Infunde melancolia !

Zom-

Zombei do jugo pezado,
Que tantos annos soffri:
Sou feliz; até perdi
A lembrança do passado.
Já tenho roto, e quebrado
O grilhaõ, que me prendia;
Livre da vil tyrannia
D' Amor, vivo satisfeito:
Agora nada em meu peito
Infunde melancolia.

MO-

MOTE.

Naõ te poſſo declarar
Os ſegredos do meu peito.

GLOZA.

SE quero, Anarda, expreſſar
O meu funeſto deſgoſto,
Em vendo teu lindo roſto,
Naõ to poſſo declarar.
A hum continuo ſuſpirar
Fico, Anarda, entaõ ſujeito;
Mas teu genio contrafeito,
Que faz reparo em me vendo,
Nos meus olhos eſtá lendo
Os ſegredos do meu peito.

MOTE.

Com passo igual, como a Morte;
Piza Amor a choça, e o Throno.

GLOZA.

HE d'Amor o Imperio forte
Taõ pestifero aos humanos,
Que fomenta estragos, damnos,
Com passo igual, como a Morte.
Muda dos mortaes a sorte,
Troca o Inverno em Outono,
Faz perder o brando sõno,
Naõ respeita sob'rania;
Com a mesma tyrannia,
Piza Amor a choça, e o Throno.

MOTE.

O nóme da minha Amada.

GLOZA.

QUando da auzencia o tormento
Com mais força augmentar vejo,
Vou para as margens do Tejo
Dar allivio ao penſamento.
Modera-ſe algum momento
A paixaõ deſeſperada:
Porém, ſentindo ateada
A viva ſaudade, afflicto
Entre ſuſpiros repito
O nome da minha Amada?

Extincta a mimosa côr
Do rosto lindo, e engraçado;
Ao pé do Tejo sentado
Vi Cupido, o Deos d'Amor.
O amolado passador
Tinha na aljava doirada;
E huma concha prateada
Da ruiva aréa apanhando;
Nella gravava, chorando,
O nome da minha Amada.

Todo este Tejo se admira
Da paixaõ, a que me atrevo;
Pois em qualquer parte escrevo
A minha cara Belmira.
Nas costas da pobre Lira
A tenho tambem gravada,
Na mesma neve gelada,
Em qualquer pequeno galho;
Quasi transportado, entalho
O nome da minha Amada.

Achei

Achei, mortaes, hum ſegredo
Para abrandar o Tyranno,
Cujo peito deshumano
He mais duro, que o rochedo:
O que faz ſuar de medo
A meſma teſta c'roada,
O que a cadéa pezada
Nos pulſos lhe lança rindo,
Treme de ſuſto em ouvindo
O nome da minha Amada.

Se gratos Verſos formais,
Louvando as Ninfas do Tejo,
Com taes objectos naõ vejo
Voſſos Cantos immortaes.
Ah! ſe acaſo deſejais
Huma gloria ſublimada,
Ao ſom da Lira dourada
Cantai, ó caros Paſtores,
A graça dos meus amores,
O nome da minha Amada.

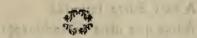
Nem

Nem as ternas cantilenas,
Que no Tejo ouço entoar,
Tem força para abrandar
As minhas horriveis penas.
Aborreço as bellas ſcenas
Da campina matizada;
Tudo me atormenta, nada
Com prazer me vai nutrindo;
Só me conſolo em ouvindo
O nome da minha Amada.

Quando a calma ardente creſta
Do campo a grata verdura,
Vou procurar a freſcura
D'huma ſombria floreſta.
Alli paſſo a quente ſéſta
Sobre a relva matizada;
E, tendo a idéa occupada
No meu objecto divino,
A's meſmas aves enſino
O nome da minha Amada.

Junto á ſaudoſa corrente
D'hum pacifico ribeiro
Paſſo quaſi o dia inteiro
Livre da importuna gente.
Huma aveſinha innocente
He companheira adorada;
E vive taõ coſtumada
Ao que ſempre eſtou dizendo,
Que já repete em me vendo
O nome da minha Amada.

Mil penſamentos inſpira
Hum canto doce, e agradavel,
A Paſtora mais amavel,
A minha cara Belmira.
He por ella a branda Lira
Divinamente animada,
A meſma Faia copada
Mais altiva ſe conhece,
Quando no tronco apparece
O nome da minha Amada.

A cumprida trança d'ouro,
De que Amor forma as prizoens.
He o objecto das Cançoens
Dos Paftores lá no Douro.
He Belmira, o meu thefoiro
Tambem no Tejo adorada:
A Faia mais elevada,
O Ciprefte, a gruta, a penha;
Naõ há coufa, que naõ tenha
O nome da minha Amada.

MOTE.

A tua auzencia, meu Bem,
Me há de tirar a vida.

GLOZA.

AH Belmira! parte, vem
Minha morte ſuſpender;
Pois já naõ poſſo ſoffrer
A tua auzencia, meu Bem.
Anda conſolar a quem
Vive n'huma infauſta lida:
A dura Sórte intimida
Antes que mais ſe embraveça;
Senaõ verás que depreſſa
Me há de tirar a vida.

Contra mim poder naõ tem
Contra a prizaõ, que me enlaça;
Toda a força da desgraça,
A tua auzencia, meu Bem.
Debalde pertende alguem
Roubar-me a fé promettida;
Pois antes que consumida
Seja esta paixaõ fiel,
Primeiro a Morte cruel
Me há de tirar a vida.

CANTIGAS.

SE atégora deſgraçado
Dei ao vento inuteis ais,
Hoje rompo em mil pedaços
D'Amor as prizoens fataes.

Em vaõ, doces Eſperanças,
Ao longe o premio moſtrais;
Sei quanto já me enganaſtes,
E que agora me enganais.

Ainda da tempeſtade
Vejo freſcos os ſignaes;
Ainda, Paixoens, me lembra
Quantos ſuſpiros cuſtais.

Ferviaõ dentro do peito
Iras, Zelos infernaes,
Nunca tinha refrigerio,
Dava ſempre triſtes ais.

Hum

Hum doce feliz ſocego
Me creſce cada vez mais,
Já d'Amor naõ ſinto n'alma
Os ſeus venenos mortaes.

Vós, afflictos coraçoens,
Que em tormentos ſuſpirais,
Aprendei do que hoje faço,
Se ventura deſejais.

Se com triſte, amargo pranto
A fria terra enſopais,
Acabe o cruel motivo,
Porque vós tanto chorais.

Gemendo ſe paſſa a noite,
O dia afflictos paſſais,
Se iſto por Amor fazeis,
D'Amor que premio eſperais?

Vede o ſangue inda fumando,
Que entre ferros derramais;
He vergonha por Paſtoras
Fazer ſacrificios taes.

Naõ

Naõ vos prendaõ as promessas ;
Que ás tyrannas escutais :
Soffrendo tristes enganos ,
Se nellas vos confiais.

Nutrem no fingido peito
Odios , vinganças mortaes ;
Desprezaõ vossos gemidos .
Zombaõ , quando suspirais.

Se acaso destas infames
Algum favor alcançais ,
Por quantos duros tormentos
Este favor naõ comprais ?

Ah ! fugí destas Serpentes ,
Tristes , miseros mortaes ;
Que vos enchem de veneno ;
Quando o peito lhe mostrais.

Ouvi de mil desgraçados
O som de languidos ais :
Ah ! tremei , e desde agora
Quebrai os laços fataes.

De-

Depois vereis quanto infames
Saõ d'Amor os cabedaes,
Que aborreceis mortalmente,
O que agora deſejais.

Se, enfadados de gemer,
O meu exemplo tomais,
Adeos, triumfos d'Amor,
Entaõ de todo acabais.

CANTIGAS.

ENtre toſcas, brutas penhas
Vou nutrir a minha dôr:
Anarda, fica com Deos,
Adeos para ſempre, Amor.

Deſde hoje naõ ouvireis
Gemer hum triſte Paſtor:
Eu te deixo, linda Anarda;
Adeos para ſempre, Amor.

Pen-

Pendente n'hum velho tronco
A minha Lira vou pôr :
Acabaraõ-ſe os meus goſtos ,
Adeos para ſempre , Amor.

Pouco , e pouco irei murchando ,
Como a já cortada flor :
Seráõ breves os meus dias ,
Adeos para ſempre , Amor.

Naõ verei ſoprar-me a vida
Hum ſemblante encantador ,
Comtigo tudo me fica ,
Adeos para ſempre , Amor.

Naõ terás mais o trabalho
De enterrar o paſſador :
Vai-ſe embora hum teu eſcravo ,
Adeos para ſempre , Amor.

Com as feras mais humanas
Eu vou ſer habitador :
Se lá naõ pódes voar ,
Adeos para ſempre , Amor.

Mas ſe algum dia mais forte
Me apertar a mortal dôr,
Lá vai o pobre Belmiro,
Adeos para ſempre, Amor.

CANTIGAS.

AMor, voando ao meu peito,
Ternos amores me enſina,
E nelle co' a farpa eſcreve
A minha formoſa Alcina.

Depois a Lira tomando
As cordas todas afina,
E me pede que cantemos
A minha formoſa Alcina.

Tanto pede, tanto roga,
Amor tanto me allucina;
Que cantamos deſte modo
A minha formoſa Alcina:

Pequenas, mimoſas flores,
Que eſmaltais eſta campina,
Correi contentes ornar
A minha formoſa Alcina.

Se de orvalho inda levardes
Fria gôtta criſtalina,
Como Aſtro fareis brilhante
A minha formoſa Alcina.

Toucai-a, mais ſobre o peito
Fique a mimoſa bonina,
Eſta tornará mais bella
A minha formoſa Alcina.

Hum feſtaõ de roxos goivos
Lhe encadée a trança fina:
Ah! fazei Deoza das Graças
A minha formoſa Alcina.

E, ſe poderdes, dizei-lhe,
Que ſó ella me domina,
Que ſó extremoſo adoro
A minha formoſa Alcina.

Que ainda, que mil venturas
Fausta sórte me destina,
Pobre serei, naõ me dando
A minha formosa Alcina.

Que assim mesmo deshumana,
Dura, cruel, e mofina,
Que assim mesmo he o meu encanto
A minha formosa Alcina.

Que, quer mettido nas brenhas,
Quer na praia, ou na campina,
Repito ao som de suspiros
A minha formosa Alcina.

Que ninguem conhecer póde;
Nem levemente imagina,
Quanto adoro, quanto estimo
A minha formosa Alcina.

Mas, se virdes que enraivada
Com ouvir-vos se amofina,
Deixai-a, naõ molesteis
A minha formosa Alcina.

Entaõ procurando os pés
Desta Pastora divina,
Adorai os meus amores,
A minha formosa Alcina.

Fez-me suspender o canto
Huma gloria repentina:
Vi chegar ao pé de mim
A minha formosa Alcina.

CANTIGAS.

CLaro Douro, que atravessas
Este verde salgueiral,
Suspende as ligeiras aguas;
Deixa contar-te o meu mal.

Naõ queiras, naõ, em dureza
A huma féra ser igual,
Como ella de mim naõ fujas;
Deixa contar-te o meu mal.

Se

Se de horror toldar as aguas
A minha hiſtoria fatal,
Naõ corras mais apreſſado,
Deixa contar-te o meu mal.

Para ſaberes o pouco
Que a fé das Paſtoras val,
Ouve a minha deſventura,
Deixa contar-te o meu mal.

Porém já como aſſombrado
Corres turvo, e deſigual?
Ah! ſocega, Douro amado,
Deixa contar-te o meu mal.

Mas em fim, parte ligeiro
Saudar o feliz cazal:
Pois a dura anguſtia naõ
Deixa contar-te o meu mal.

F I M.